



Resenha *MIGRAÇÕES NA ATUALIDADE* – Ano 28 – nº 109 – Dezembro 2017

Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios – www.csem.org.br

O poder da cultura: migrações como oportunidade intercultural

EDITORIAL	2
PORTUGUÊS	4
Migrantes devem valorizar a própria cultura, diz artista peruano radicado no Brasil	4
A cultura como ponte: sarau aproxima refugiados e brasileiros por meio da arte	5
Com pouca visibilidade, grupos culturais imigrantes reivindicam protagonismo no país	6
A Inclusão de Migrantes e Refugiados.....	8
CEPAL: migrantes dão contribuição econômica, social e cultural aos países em que vivem.....	9
Como integrar alunos migrantes, valorizando suas culturas?	10
De braços abertos, Papa lança campanha "Compartilhe a viagem"	11
ENGLISH	11
The Art of the Border: Searching for Kikito	11
U.S.-Mexico Border Inspires Artists to Tell Immigrants' Stories	14
Art on the Underground shines light on refugee crisis	17
'Human Flow' Offers a Searing Look at the Global Refugee Crisis	18
Swimming lessons a cultural exchange for young migrant men.....	19
Reggae helps heal mental wounds of torture for migrants in Italy.....	20
Magnum Photos publishes guide on Europe for refugees, migrants.....	21
ESPAÑOL	23
Castilla y León fortalecerá la integración de los inmigrantes desde educación.....	23
Interculturalidad y salud de migrantes mayas en EE. UU.	23
La Junta refuerza la adaptación lingüística para migrantes en los centros de menores de la capital...25	25
Migración hacia los Estados Unidos y educación intercultural.....	26
Desafíos de la integración en el medio del arte y la cultura	28
Gael García: "'Coco' va para los hijos de inmigrantes insultados por Trump"	28
Mujeres inmigrantes residentes en Temuco participarán en iniciativa que fusiona arte e identidad.....	29
ITALIANO	30
"La terra inquieta": l'arte racconta migrazioni e crisi dei rifugiati	30
L'arte è politica, la Biennale dei migranti.....	31
Lampedusa, la migrazione attraverso l'arte	32
L'integrazione culinaria di via Placida: storia di un quartiere "senza confini"	33
'AfricaBar', i migranti a teatro diventano attori: "Una soglia divide la quotidianità"	34
Teatro. Migranti, il palco dopo il mare	35
Feste e Intercultura. Con un Pizzico di Speranza.....	36

EDITORIAL

Max Frisch, referindo-se à imigração de italianos à Suíça, afirmou: “queríamos braços, chegaram pessoas”. Décadas mais tarde, os países continuam tratando as migrações internacionais como problema contingente, as políticas ainda balbuciam respostas aos desafios da mobilidade humana e as comunidades multiplicam ações e reações tentando aprender a conviver com as novidades, os aportes e as transformações que as migrações fazem acontecer. Os deslocamentos populacionais incidem sobre os locais onde as pessoas partem ou passam, e especialmente onde chegam, seja naqueles em que fazem uma pausa em suas trajetórias, seja nos que escolhem para construir suas moradas.

Os movimentos migratórios marcam as sociedades, para além das situações emergenciais, que não cessam e que precisam de devida e responsável atenção com intenção de ações e efeitos a médio e longo prazo. O mundo aguarda com expectativa que tenha êxito o esforço a nível das Nações Unidas, onde se trabalha por um Pacto Global sobre Migrações, previsto para ser votado na Assembleia Geral da ONU em 2018. Entretanto, junto com o empenho por uma migração segura, cabe reconhecer que a mobilidade humana é fator de desenvolvimento e de transformação, em todas as dimensões do humano.

Um dos aportes com os quais migrantes e refugiados contribuem de modo importante para o desenvolvimento e o enriquecimento dos povos é a cultura, nas suas diferentes formas e expressões. A cultura é também um canal particularmente favorável para a integração e a convivência intercultural em contextos nos quais as diversidades culturais muitas vezes são consideradas fatores de ameaça à qualidade de vida, à convivência e à paz. A cultura tem “poder [de] transformar vidas e contribuir para a inclusão e para a coesão social, promovendo o conhecimento, o diálogo, a tolerância e o respeito”¹.

O poder da cultura é um “poder de criar espaços de encontro, espaços livres, abertos e não ameaçadores, que promovem o conhecimento, que dão a conhecer o “Outro” e a sua humanidade, que ajudam a criar laços...”². Nesse sentido, a campanha da Caritas Internacional COMPARTILHE A VIAGEM vem a ressaltar exatamente um aspecto fundamental do fenômeno migratório, esquecido especialmente pela grande mídia: o desafio da chegada de pessoas de outras culturas e mentalidades, portadoras de outros valores e não raramente também de outras religiões, como uma oportunidade de convivência, de novas relações interpessoais e de encontro.

A arte, a cultura dos povos, a dança e a gastronomia, as cores e os ritmos que as migrações fazem encontrar, partilhar e intercambiar podem melhorar a vida de quem migra e, sobretudo, incidir nos contextos de interação com seu poder transformador e mobilizador, favorecendo o encontro e a valorização da alteridade que os migrantes trazem consigo, assim como a emersão, o respeito e o reconhecimento das particularidades e riquezas de todas as diversidades que as comunidades encerram e transmitem, de geração em geração. A cultura pode ser laboratório de interação, de integração e também de superação dos medos e do desconhecimento do ‘Outro’, que está na raiz de toda xenofobia, discriminação, criminalização, culpabilização e rejeição das pessoas e dos grupos humanos diferentes por tradição, fenotípiã, cultura, religião ou origem.

Se por um lado “é preciso reconhecer as diferenças, não apenas como fatores que enriquecem as nossas vidas, mas também como fatores que nos separam e criam tensões”³, por outro lado, cabe ressaltar que o medo das mudanças culturais pode fazer com que muitos cidadãos que passam por situações de crise financeira optem por apoiar políticas anti-imigração e alimentar discursos e posturas de desprezo e rejeição de imigrantes e refugiados. Nesse sentido, o intercâmbio que as expressões culturais fazem acontecer se torna uma experiência promissora a partir da interculturalidade que se multiplica de baixo, fazendo brecha através dos

¹ VLACHOU, Maria (coord.). *A Inclusão de Migrantes e Refugiados: O Papel das Organizações Culturais*. Acesso *Cultura*, 2017, p. 7. Disponível em <https://acessocultura.org/publicacao-migrantes-refugiados-2/>.

² IDEM, p. 8.

³ IDEM p. 9.

encontros e das relações em nível micro, e que podem fazer a diferença na construção de sociedades tolerantes e capazes de gerenciar seus desafios internos.

O poder da cultura requer também que os próprios migrantes valorizem sua bagagem cultural, apreciem sua riqueza cultural e descubram as riquezas das culturas e dos atores que encontram em suas trajetórias. “Compartilhar a própria cultura permite àqueles que se refugiaram no país uma aproximação /.../ livre de estereótipos comuns”. Migrantes e refugiados se assumem, assim, como “protagonistas de uma experiência intercultural”⁴ que os empodera e que favorece processos transformadores de mentalidade e de valores, promovendo a convivência intercultural.

A arte, especialmente a habilidade de colher, interpretar e enviar ao mundo imagens do que a mobilidade humana vive, sofre e enfrenta, especialmente em algumas cruciais fronteiras entre nações, vem sendo uma estratégia incisiva de *advocacy* pela vida e pela proteção da dignidade e dos direitos dos povos em fuga. Fotografias e cinema, em especial, vêm atuando com força internacionalmente. Há realidades e ideias que só conseguem ser interpretadas e transmitidas com silêncios e olhares, palavras não conseguem alcançar sua profundidade nem formular seus significados. Também o teatro e a literatura conseguem fazer ecoar e até denunciar, o que o cotidiano e as políticas, a mídia e os preconceitos não dão conta de abarcar em suas falas e reações.

Enquanto os próprios migrantes e refugiados são os protagonistas nos percursos de interação que as artes e a criatividade da sabedoria e da cultura de seus respectivos povos levam para os países de imigração, o desenvolvimento de mentalidade e de valores de acolhida, o reconhecimento da alteridade como riqueza, o respeito da dignidade de quem é portador(a) de alteridades na convivência humana e social está nas mãos, sobretudo, de quem educa as novas gerações, na família e na escola, não menos nos espaços onde a interação é construída por causa do trabalho ou do lazer. A transmissão da cultura entre gerações se dá por processos intrínsecos ao crescimento das pessoas e ao desenvolvimento, mas a promoção da interculturalidade como modo inclusivo e respeitoso da dignidade e da riqueza de todos e todas é uma decisão que cada sujeito precisa tomar, para poder contribuir, favorável ou desfavoravelmente.

⁴ BRANDINO, Géssica. A cultura como ponte: sarau aproxima refugiados e brasileiros por meio da arte. *Migramundo*, fev/17. Disponível em <http://migramundo.com/a-cultura-como-ponte-sarau-aproxima-refugiados-e-brasileiros-por-meio-da-arte/>

PORTUGUÊS

Migrantes devem valorizar a própria cultura, diz artista peruano radicado no Brasil

Artista contemporâneo que se inspira na era pré-colombiana, Adrián Ilave mostra que a cultura peruana vai muito além da gastronomia

Eva Bella

Inquieto, criativo, elegante e curioso. Um artista completo. Não é fácil definir Adrián Ilave.

Esse peruano de 32 anos, que vive em São Paulo há cerca de 3 anos, nasceu em Lima e passou boa parte de sua vida em Cusco. Ele vem de uma família onde existe a verdadeira essência da cultura peruana: afro, hispana e indígena – o que faz dele um artista único, com um repertório imenso.

Sua inspiração é a era pré-colombiana da América Latina, mesclando com arte contemporânea. Qualquer material é motivo para novas experiências – tecido, madeira, papel, papelão. Nem o corpo humano escapa às habilidades do artista e vira instrumento para suas criações.

Em se tratando de literatura, Adrián cita Felipe Guamán Poma de Ayala (1550-1616) como cronista, o que ajuda a compreender melhor a sua obra artística. Em mais de mil páginas e quase quatrocentos desenhos, o autor (que é cronista indígena) mostra como assimilou a cultura européia, representando em letra e imagem o impacto da chegada dos espanhóis aos Andes.

“Primeira nova crônica y buen gobierno (1615) é considerada uma das obras mais excepcionais da literatura iberoamericana, que nos presenteiam o processo de destruição do mundo andino”, lembra o artista.

Ilave é capaz de formar uma grande unidade visual que prende o expectador. Ele conjuga texto e ilustração, produzindo unidades extremamente complexas, rica em detalhes, e retratava um pouco de tudo: vestimentas, personagens, costumes, governantes incas, religiosidade, guerra, enfim, a vida cotidiana.

Recado aos migrantes

Logo nos primeiros minutos de conversa é possível perceber como ele é apaixonado pela

cultura andina. Ilave me recebe vestido com uma roupa criada por ele, com sua interpretação.

Uma das peças usadas por Adrián para receber o MigraMundo foi a sua Maskaypacha (coroa usada pelos incas no período pré-colombiano), que foi criada com símbolo de sua identidade: o vermelho aparece como cor imperial; a meia lua é seu sobrenome; ao centro está o brasão do Peru; e na parte inferior, a representação das 7 artes (música, dança, pintura, escultura, literatura, teatro e cinema).

Falando em identidade, o artista deixa um recado direto aos migrantes em relação à cultura. “Não esqueçam suas raízes. Tentar copiar outras coisas de outras culturas é uma falta de respeito por vocês mesmos, não tenham vergonha! As pessoas gostam de conhecer outras culturas, os artistas imigrantes. Sejam orgulhosos de vocês mesmos, a América Latina está aberta a todos vocês”.

De Lima a São Paulo

Na cidade natal, Lima, Ilave desenvolveu muitos trabalhos artísticos de grande porte, como decoração de hotéis e pinturas em murais. Desde que chegou ao Brasil, vem criando murais para restaurantes peruanos. Além disso, produz e cria capas para a Revista Paila, periódico online produzido no Brasil por peruanos e brasileiros que buscam dar destaque para a cultura peruana.

Ilave diz que São Paulo o cativou por ser a Meca da América Latina. “Há essa mistura de culturas, muita arte para curtir e experimentar, uma cidade incrível, que reúne as raças, costumes e é acolhedora”.

Por esse apego à cidade que agora lhe serve de morada e inspiração, Ilave também se posicionou sobre um tema polêmico: os murais de graffiti que foram apagados recentemente pela Prefeitura de São Paulo. Ele demonstra tristeza ao lembrar que já aconteceu algo parecido em Lima e espera que isso seja reparado de alguma forma.

“Deletar o graffiti é apagar a história! O graffiti vem da Antiguidade, conta coisas interessantes do cotidiano. Só mudou o material”.

Fonte: <http://migramundo.com/migrantes-devem-valorizar-a-propria-cultura-diz-artista-peruano-radicado-no-brasil/> - 17.03.2017

A cultura como ponte: sarau aproxima refugiados e brasileiros por meio da arte

Longe de estereótipos comuns quando se fala do tema, projeto desenvolvido pelo Sesc São Paulo traz protagonismo de refugiados na música, poesia e dança

Géssica Brandino

Abdulbaset Jarour conversa com a plateia exibindo um sorriso largo. Ele chegou ao palco amparado por muletas, após uma cirurgia na perna. Nascido em Aleppo, na Síria, Abdulbaset apresenta sua terra com orgulho, “a cidade mais antiga do mundo”, para logo cantar em árabe uma música sobre a saudade de casa. O jovem sírio entoa a letra sem desfazer o sorriso, tornando a melodia mais doce e alegre. É uma noite especial: há exatos três anos, no dia 8 de fevereiro de 2014, Abdulbaset chegou ao Brasil. “Senti como se tivesse nascido de novo. Hoje, sinto o Brasil como minha pátria”.

Compartilhar a própria cultura permite àqueles que se refugiaram no país uma aproximação dos brasileiros livre de estereótipos comuns quando se aborda tal questão. Eles vieram da República Democrática do Congo, Colômbia, Palestina, Haiti e da Síria e não querem ser reduzidos a vítimas. O sentimento que trazem é de troca, de descoberta de outras culturas, idiomas e formas de comunicação. Naquela noite, eles são os protagonistas de uma experiência intercultural que tem se espalhado pelo estado de São Paulo por meio do projeto Sarau dos Refugiados.

A iniciativa promovida pelo Sesc São Paulo começou na unidade Pompeia, na capital, em maio de 2016. De lá pra cá, o projeto já esteve em Campo Limpo, na zona sul, São José dos Campos, Santos, Registro, Osasco e Sorocaba. Na semana passada, abrindo o calendário de 2017, foi a vez do evento levar música, literatura e dança à noite da unidade do Belenzinho, na zona leste da capital. Há mais de vinte anos, por meio da parceria com a Cáritas Arquidiocesana de São Paulo e de convênio com o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados, o Sesc oferece cursos de português para solicitantes de refúgio que chegam à capital paulista. À frente dos projetos desenvolvidos para refugiados nas unidades do serviço, a gerente de estudos e programas sociais Denise Collus vê no sarau uma forma de abordagem diferenciada e quem tem sido recebida com entusiasmo pelo

público. “Foi uma forma muito interessante de introduzir a temática do refúgio, porque eles se apresentam, contam de onde vieram e as pessoas começam a ser situadas na temática de uma forma muito mais leve do que se o tema estivesse numa mesa de discussão”, conta.

O sarau é conduzido pela mestre de cerimônia Débora Garcia. Brasileira e mulher negra, a poeta fala com entusiasmo da iniciativa e do aprendizado contínuo por meio do projeto. A realidade do refúgio aos poucos é apresentada com dados e reflexões sobre a importância do respeito. Com trajetórias diversas, cada refugiado leva ao palco um pouco da própria história em forma de arte.

Das músicas africanas cantadas a capella pelo grupo “Os Escolhidos”, formado pelos congoleses Hidras Tuala, Mabilia Nkombo e Muanda Tryson, às poesias escolhidas por refugiados da América Latina e Oriente Médio, o público participa de uma viagem cultural. Vinda da Colômbia, Juanita Solano declamou em espanhol a letra da música “No me llames extranjero”, de Alberto Cortez e Facundo Cabral, uma reflexão sobre a humanidade que une pessoas de todas as nacionalidades, além de um poema do heterônimo de Fernando Pessoa, Alberto Caeiro. Da Palestina, Amjad Melhem recitou poemas em árabe, com o apoio de Débora na tradução. Os versos falavam sobre perseverança, sobre não abaixar a cabeça e não desistir. Já Marc Pierre, do Haiti, declamou em crioulo uma reflexão sobre o socialismo, com críticas à exploração do sistema capitalista.

Além dos artistas refugiados, a edição do sarau contou com a participação do ator e cantor Bukassa Kabengele, nascido na Bélgica e criado até os 10 anos no Congo. Filho de Kabengele Munanga, primeiro antropólogo congolês, eles migraram para o Brasil nos anos 80 por questões políticas. Para o artista, é preciso que se entenda o ser humano como universal e que não existe um favor ao receber migrantes e refugiados, mas uma troca honesta. “O que estamos tendo aqui

nos mostra que o mundo é muito maior, que há guerras e abismos e tantos ismos que nos separam, mas o fato é que quando abrimos o coração entendemos que nenhum desses desentendimentos faz sentido, pois viemos do mesmo berço. Se pararmos e olhar para o nosso coração, com o olhar do respeito e do que é universal, vamos entender que somos todos irmãos”. E é nesse espírito que o artista convida “Os Escolhidos” para cantar a música “Mina Penda”, encantando a plateia.

A apresentação do sarau no Belenzinho fez parte da mostra “Motumbá: memórias e existências negras”, que tem como intuito valorizar a representatividade de matrizes africanas, por meio da integração de diversas linguagens

artísticas e ações culturais produzidas e interpretadas por grupos e artistas negras, negros e periféricos. Segue até março com programação variada, oficinas, debates, apresentações de teatro, performance, dança, shows musicais e outras atividades.

As próximas apresentações do Sarau dos Refugiados estão previstas para março. No dia 24, os artistas se apresentam no Sesc da Vila Mariana, como parte da semana da francofonia, e no dia 26, em Ribeirão Preto.

Fonte: <http://migramundo.com/a-cultura-como-ponte-sarau-aproxima-refugiados-e-brasileiros-por-meio-da-arte/> - 19.02.2017

Com pouca visibilidade, grupos culturais imigrantes reivindicam protagonismo no país

Aproximadamente 117 mil estrangeiros deram entrada no país; conheça coletivos e grupos culturais em São Paulo

Julia Dolce

Em um contexto em que as temáticas da imigração e do refúgio têm se tornado cada vez mais conhecidas com a atenção da mídia voltada para o grande aumento no fluxo migratório mundial, coletivos e eventos culturais de imigrantes têm ganhado mais protagonismo, ainda que de forma seletiva.

Segundo dados da Polícia Federal e do Comitê Nacional para os Refugiados, atualmente são cerca de 2 milhões de imigrantes vivendo no Brasil, sendo 9 mil reconhecidos como refugiados. O número de imigrantes registrados aumentou 160% nos últimos dez anos, e aproximadamente 117 mil estrangeiros deram entrada no país em 2015.

O 7º Fórum Social Mundial das Migrações, que aconteceu em São Paulo, entre os dias 7 e 10 de julho, reuniu diversas comunidades imigrantes para atividades culturais e discussões sobre direitos políticos e cidadania, tendo marcado uma importante articulação desses movimentos na cidade. Conheça a seguir alguns coletivos e grupos culturais imigrantes na capital paulista:

Visto Permanente

Um dos coletivos presentes no Fórum, o Visto Permanente, é um acervo audiovisual que pretende reunir e divulgar o patrimônio cultural imigrante da capital paulista.

São cerca de 50 registros de projetos culturais imigrantes até agora, que podem ser consultados

no site. O projeto também foi responsável pelo Território Artístico Imigrante, mostra que reuniu artes de imigrantes e obras com a temática de imigração, realizada no mês de junho.

"O Visto permanente nasceu da necessidade de colocar outro espaço midiático para suprir esse silêncio grande em relação à produção cultural imigrante e refugiada na cidade, por mais que ela seja gigantesca. A gente se deu conta de que tem muitos imigrantes fazendo cultura e arte em São Paulo há décadas, mas isso é invisibilizado", afirmou Cristina de Branco, imigrante portuguesa e uma das fundadoras do Visto Permanente.

Segundo ela, um dos eventos que mais impactou a criação do projeto foi a Festa Nacional da Bolívia, geralmente realizada no Memorial da América Latina, durante o mês de agosto. "É um evento impressionante. São centenas de bolivianos ocupando o Memorial, de maneira totalmente legitimada pela instituição, mas ignorada pela sociedade paulistana, já que você quase não vê brasileiros na festa. Há grupos folclóricos bolivianos que existem há pelo menos 30 anos, mobilizam 500 famílias e nunca foram filmados oficialmente por nenhuma televisão. Assim como comunidades peruanas, paraguaias etc. A partir disso a gente percebeu que não havia nenhum lugar onde a gente poderia ter acesso a essa produção cultural e artística de maneira sistematizada, daí surgiu a ideia de fazer esse mapeamento, ainda que bastante restrito", conta.

Nesse sentido, o projeto visa registrar e divulgar principalmente as comunidades latino-americanas, caribenhas e africanas que, na opinião de Cristina, são as mais invisibilizadas. "Elas reforçam aquilo que a elite brasileira reitera que não quer ser. A gente defende muito que o Brasil ainda está em um processo de branqueamento, no qual existem imigrantes que são bem-vindos e outros não. "Nós somos privilegiados como brancos numa sociedade racista como a brasileira, então somos os tais "desejáveis", e nisso o mínimo que podemos fazer é nos comprometermos com a luta contra a xenofobia e racismo que tanto aprisionam as comunidades imigrantes negras e indígenas ou de fenótipo indígena no Brasil", opina.

Equipe de Base Warmis

A Equipe de Base Warmis, frente do Organismo Internacional Convergência de Culturas, foi criada há três anos para integrar e lutar pelos direitos das comunidades de mulheres imigrantes em São Paulo. "A gente surgiu da necessidade de debater o tema da violência obstétrica, pois estavam morrendo muitas mulheres imigrantes, principalmente bolivianas, nessa situação. Passamos a lutar por temas que tem a ver com o direito das mulheres imigrantes, no geral, e percebemos que essas comunidades não estão em contato com o resto da sociedade brasileira", conta Andrea Caravantes, imigrante chilena e uma das integrantes do grupo.

Recentemente, a Warmis tem desenvolvido projetos voltados para a área cultural, como oficinas de slings andinos, e um grupo de música andina formado apenas por mulheres. "A gente quer mostrar o que os imigrantes trazem, para acabar com essa ideia típica de que os imigrantes vem para o Brasil para roubar empregos. A gente quer que as mulheres imigrantes e filhas de primeira geração de imigrantes possam se empoderar e se reconhecer como imigrantes, porque essa palavra ainda carrega uma carga negativa aqui no Brasil. Achamos importante criar essa ponte com a comunidade brasileira e entre os outros imigrantes... fazer um intercâmbio de culturas".

Na opinião de Andrea, apesar de estarem surgindo muitas iniciativas de cultura imigrante, ainda falta espaço para esses projetos. "As comunidades imigrantes ainda não tem visibilidade, até mesmo entre os movimentos sociais. Mesmo na música e na cultura no geral, ainda se fala muito de artistas brasileiros ou estrangeiros, mas nunca se fala da cultura imigrante", destacou.

Projeto Raízes

Voltado para a promoção e incentivo da literatura africana, o Projeto Raízes foi criado neste mês pelo escritor angolano João Pedro Canda, e faz parte do Programa de Valorização das Iniciativas Culturais (VAI) 2016, programa de subsídio da prefeitura.

A primeira ação realizada, o Sarau Angola, contou com a apresentação de diversos poetas, escritores e cantores angolanos, além da exibição de documentários sobre o país, na Casa de Cultura de Santo Amaro, na Zona Sul. No dia 27 de agosto será realizado o segundo evento do projeto, o Sarau Nigéria.

"O projeto é composto por quatro jovens, sendo dois de origem africana e dois brasileiros, todos direta ou indiretamente ligados à literatura africana. Ele surgiu da necessidade de reforçar a atuação artístico literária de raiz africana, que vem crescendo na nossa cidade, com o objetivo de promover a integração cultural e divulgar a possibilidade de imigrantes acessarem políticas públicas de cultura na cidade de São Paulo", afirmou Canda.

Na opinião do escritor, os projetos e coletivos culturais imigrantes são fundamentais para a promoção e proteção da cultura negra no Brasil: "A África é um continente repleto de riquezas, que abrigou em seu território algumas das nações e reinos mais poderosos da antiguidade. Estudar e conhecer a África através de iniciativas dessa natureza é reconhecer o protagonismo africano em diversos momentos da história da humanidade, até porque a construção da identidade brasileira passa necessariamente pela contribuição dos povos africanos que chegaram como escravos aqui".

Festival de Cultura Haitiana

A comunidade haitiana é uma das que mais tem se articulado em São Paulo, principalmente para lutar contra ataques xenófobos e racistas que alguns dos imigrantes sofreram no país. Nos últimos quatro anos, foram emitidos cerca de 38 mil vistos humanitários permanentes para haitianos pelas embaixadas brasileiras, e embora a imigração de haitianos no Brasil esteja diminuindo, diversos projetos e eventos culturais sobre o país têm surgido.

No dia 27 de agosto será realizado o Festival de Cultura Haitiana, evento organizado pela União Social dos Imigrantes Haitianos no Brasil, na Vila Ipororó - Canteiro Aberto, espaço onde também foi encenada a peça Cidade Vodou, produzida por imigrantes haitianos, que conta a história de seu trajeto migratório e discute o racismo sofrido pela

população no Brasil. O festival contará com apresentações de música, dança e com comida haitiana.

Para Fedo Bacourt, coordenador da União Social dos Imigrantes Haitianos no Brasil, é muito difícil para comunidades imigrantes produzirem eventos culturais em São Paulo. "Nós não temos apoio, não tem sido fácil construir a associação. Desde que chegamos vimos as dificuldades que os imigrantes estão passando aqui, como falta de acolhimento e falta de moradia, e decidimos nos reunir para criar uma organização que ajudasse e desse visibilidade para os imigrantes haitianos", conta.

A organização foi criada em setembro de 2014 e também marcou presença no Fórum Social Mundial de Migrações. "Em três anos nós nunca

tivemos nenhuma ajuda. Agora estamos com uma sede, na Liberdade [na região central da capital], que precisa ser reformada. E, finalmente conseguimos tirar os documentos para cadastrar a associação, com muita luta. Fizemos diversos eventos e vamos continuar fazendo. Mas foi muito difícil. Agora nossa maior luta é por educação, porque há muitos haitianos que entram aqui com qualificações, que tem diploma e estão trabalhando na construção civil ou até mesmo no trabalho escravo. Dói muito. Mas São Paulo agora tem uma política migratória municipal, isso vai trazer benefícios para os imigrantes", analisou Bacourt.

Fonte: <https://www.brasilefato.com.br/2016/07/21/com-pouca-visibility-grupos-culturais-imigrantes-reivindicam-protagonismo-no-pais/> - 21.07.2016

A Inclusão de Migrantes e Refugiados

O papel das organizações culturais

"Quem trabalha na área da Cultura acredita no seu poder em transformar vidas e contribuir para a inclusão e a coesão social, promovendo o conhecimento, o diálogo, a tolerância e o respeito. Por essa razão, quem trabalha neste sector não consegue imaginar de que forma este processo de inclusão poderá acontecer sem a Cultura." Na introdução ao livro *A Inclusão de Migrantes e Refugiados: o papel das organizações culturais*, a coordenadora da publicação, Maria Vlachou, sintetiza as preocupações cada vez mais urgentes de muitos profissionais do sector cultural que querem dar o seu contributo para a inclusão de migrantes e refugiados, mas não sabem como fazê-lo, nem por onde começar. É para colmatar esta necessidade que surge esta publicação, servindo de base para desenvolver a reflexão e uma prática mais sustentada pelas organizações culturais. A primeira parte do livro reúne dez entrevistas que constituem testemunhos de profissionais a trabalhar em organizações culturais com muita experiência nesta área: Counterpoints Arts (Reino Unido), Bibliotecas de Roskilde (Dinamarca), NOESIS – Centro de Ciência e Museu de Tecnologia de Salónica (Grécia), Museus Nacionais Liverpool (Reino Unido), Museu Roterdão (Holanda), Projeto Museu da Migração (Reino Unido) e Instituto para a Cidadania Canadiana (Canadá).

Em Portugal, também não faltam exemplos de boas práticas: é o caso do projeto "RefugiActo: a voz e o eco dos refugiados através do teatro", que

surgiu em 2004 no contexto das aulas de língua portuguesa do Conselho Português para os Refugiados e que tem tido o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian através do programa PARTIS – Práticas Artísticas para a Inclusão Social. Trata-se de um grupo de teatro amador, onde se partilham emoções, saberes e experiências, e por onde têm passado pessoas de todo o mundo. Também surgem como referência, no livro, os casos do festival TODOS – Caminhada de Culturas, que tem trabalhado para desenvolver a interculturalidade em Lisboa com recurso às artes, valorizando o seu cariz contemporâneo e comunitário, e o trabalho da Associação Renovar a Mouraria, envolvida no projeto internacional Enciclopédia dos Migrantes: o lado intimista e individual das histórias sobre migração. Esta "enciclopédia", que divulga "um saber não científico", foi publicada, em papel e em versão digital, em francês, espanhol, português e inglês, conta com testemunhos de 400 migrantes e nela estão representados 103 países e 74 línguas maternas.

Como sublinha na sua entrevista Almir Koldzic, codiretor da organização Counterpoints Arts: "A diversidade não deve ser vista como um fardo ou um défice, mas como uma força progressiva que, se nos comprometermos com ela, torna as nossas sociedades mais fortes." São também disponibilizados nesta publicação um manual com recomendações, produzido pela Associação Alemã de Museus e aqui traduzido para português, bem como contactos de organizações governamentais, do sector cultural, do sector social e da academia, referências bibliográficas e

outras informações úteis, para ajudar os profissionais que queiram pensar projetos nesta área a construir melhor as suas ideias, a inspirar-se e a criar ligações e parcerias com outras entidades. Esta publicação encontra-se disponível

para consulta, em português e inglês, no sítio aessocultura.org.

Fonte: <https://gulbenkian.pt/noticias/inclusao-migrantes-e-refugiados/> - 04.07.2017

CEPAL: migrantes dão contribuição econômica, social e cultural aos países em que vivem

Os migrantes dão uma contribuição econômica, social e cultural aos países em que vivem, e cabe às Nações Unidas reunir dados sobre esse aporte de forma a garantir os direitos humanos, o desenvolvimento e a inclusão dessa população.

As declarações foram feitas pela secretária-executiva da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), Alicia Bárcena, durante reunião das comissões regionais da ONU em Nova Iorque sobre o Pacto Mundial para uma Migração Segura, Ordenada e Regular.

Alicia afirmou que atualmente cerca de 30 milhões de latino-americanos e caribenhos vivem fora de seu país de nascimento, o que constitui 4% da população total da região. Desses, 20 milhões vivem nos Estados Unidos e 11 milhões não são documentados.

Segundo ela, há três realidades diferentes na região: a do México, da América Central e do Caribe e da América do Sul.

“O México representa 40% da emigração regional, com cerca de 12 milhões de seus cidadãos vivendo no exterior. Colômbia e El Salvador vêm em seguida em importância quantitativa”, afirmou. No Caribe, a maioria dos migrantes é formada por profissionais, segundo a secretária-executiva da CEPAL.

Na América do Sul, a população emigrada corresponde a 8,4 milhões de pessoas, apenas 2,1% da população total sub-regional, e a população imigrante alcança 4,7 milhões, 1,2% da população total sub-regional.

Segundo a CEPAL, a América do Sul pode ser considerada exemplo por ter firmado acordos de integração, como o dos países andinos, do Mercosul e da Aliança do Pacífico, que consideram aspectos associados ao livre deslocamento de seus cidadãos.

A máxima representante da CEPAL destacou a realização da primeira reunião regional preparatória do Pacto Mundial para uma Migração

Segura, Ordenada e Regular, que ocorreu no fim de agosto na sede do organismo em Santiago, no Chile.

“O pacto mundial é uma oportunidade que a comunidade internacional foi chamada a aproveitar”, afirmou.

O chanceler de El Salvador, Hugo Martínez, presente no evento, abordou a realidade dos migrantes da América Central e defendeu o respeito aos direitos humanos de seus compatriotas migrantes e das pessoas migrantes no nível global.

Martínez pediu o respeito aos direitos da população emigrada sem importar sua condição migratória, e chamou a acabar com a estigmatização. Finalmente, afirmou que o pacto mundial deve considerar um enfoque de gênero de responsabilidade compartilhada.

Pacto global para a migração

O pacto global para a migração será o primeiro acordo negociado entre governos, preparado sob os auspícios das Nações Unidas, para cobrir todas as dimensões da migração internacional de forma holística e abrangente.

Na Declaração de Nova Iorque para Refugiados e Migrantes, adotada em setembro de 2016, a Assembleia Geral da ONU decidiu desenvolver um pacto global para a migração segura, ordenada e regular. O processo de desenvolvimento desse pacto foi iniciado em abril deste ano. A Assembleia Geral realizará uma conferência sobre migração internacional em 2018 com o objetivo de adotá-lo.

O pacto global é uma oportunidade significativa para melhorar a governança da migração, para enfrentar os desafios associados com as migrações atualmente, e para fortalecer a contribuição dos migrantes e da migração para o desenvolvimento sustentável.

Fonte: <https://nacoesunidas.org/cepal-migrantes-dao-contribuicao-economica-social-e-cultural-aos-paises-em-que-vivem/> – 25.09.2017

Como integrar alunos migrantes, valorizando suas culturas?

Ingrid Matuoka

Nos últimos anos, o Brasil tem recebido uma quantidade expressiva de migrantes e refugiados, dentre eles, muitas crianças – situação que vem exigindo uma resposta das escolas.

Para além da questão de compreender e debater tais fluxos contemporâneos de deslocamento, as instituições de ensino lidam com o desafio de acolher e integrar esses alunos que chegam ao País, valorizando ao mesmo tempo suas culturas de origem.

Na Baixada do Glicério, na região central da cidade de São Paulo, Paulo Magalhães, professor de Geografia da EMEF Duque de Caxias, desenvolve atividades para promover a integração de crianças de cerca de 30 nacionalidades.

Para isso, leva seus alunos semanalmente a diferentes espaços educativos com o intuito de apresentar-lhes a cidade e, ao mesmo tempo, promover situações de intercâmbio cultural e comunicação. Da última vez, foram à exposição do artista plástico Cícero Dias, em cartaz no Centro Cultural Banco do Brasil.

“A ocupação de territórios educativos tem ajudado eles a se integrar melhor. Aulas fora da escola são mais vivas e eu vejo as crianças falando mais, se expressando melhor nesses momentos e também socializando com a comunidade”, conta o educador.

Diante do caso de uma aluna oriunda da República Democrática do Congo que sofria bullying, o professor mostrou imagens atuais do país a fim de valorizá-lo. “As crianças tinham uma ideia muito negativa da África e eu comecei a mostrar que não era como eles imaginavam”, conta.

Além de alunos de outros países como sírios, marroquinos, chineses e colombianos, há estudantes também de outras regiões do Brasil, como do Nordeste, que igualmente desconhecem o entorno da escola. Por isso, Paulo também propôs um mapeamento dos principais pontos do território.

“Nós fizemos um mapa de São Paulo e do bairro do Glicério em sala de aula, antes de uma aula teórica. Depois, andamos pelas ruas e eu fui mostrando a Igreja da Sé, o Teatro Municipal, entre outros pontos importantes da cidade. Depois fomos montar o mapa novamente”.

As atividades têm rendido efeitos positivos. O professor contou que recentemente um aluno viu um colega sofrendo bullying e imediatamente

interferiu, chamando um adulto. “As crianças estão se sensibilizando com isso e já não deixam mais acontecer”, conta.

Na EMEI Nelson Mandela, no bairro do Limão, também em São Paulo, os educadores procuram trabalhar a valorização de outras culturas com práticas próprias da infância, por exemplo, brincadeiras e festas.

A diretora Cibele Araújo Racy conta que os alunos são seus maiores aliados em fazer a adaptação dos alunos migrantes. “Todo começo de ano chamamos as crianças mais velhas para planejar com os professores as atividades. Elas contam o que mais gostaram de fazer e os lugares que temos que ir mais vezes”.

Além disso, faz parte do currículo da escola trabalhar as questões étnico-raciais em sala de aula. Uma das atividades que fazem nesta perspectiva é aprender palavras do idioma dos alunos migrantes. A hora da brincadeira livre também é uma oportunidade de interação, proporcionando situações de identificação entre os alunos. “Criança brinca e corre do mesmo jeito em qualquer lugar do mundo”, lembra Cibele.

A escola também promove a formação dos professores e de todos os profissionais que trabalham na instituição para essas questões. Os familiares, por sua vez, passam pelo processo e são convidados a participar da “escola dos pais”, espaço em que familiares e docentes debatem temas de interesse comum.

Nas festas, que são abertas à comunidade e trazem elementos da cultura africana, indígena, boliviana, japonesa, dentre outras, os familiares também têm espaço. “Nós os convidamos não só para vir à festa, mas também para organizá-la, colaborar com dança e comida. Trazer a família para dentro da escola é essencial porque ela também precisa de acolhimento”, diz a diretora.

Outra estratégia importante é a convocação, no começo de cada ano, dos familiares das crianças migrantes ou refugiadas para conversar com a assistente social da escola. “Ficamos sabendo de mais detalhes sobre suas trajetórias, assim fica mais fácil trazer essas histórias para os projetos e também para pensarmos a parte afetiva, porque muitos saíram de seus países por sofrimento ou falta de perspectiva e temos que levar isso em conta. Temos que dar autoestima para essa criança prosseguir”, avalia Cibele.

Integrando alunos migrantes pela alimentação

Outra abordagem, proposta pela CEI Dom Gastão, localizada no Bom Retiro, em São Paulo, é unir as crianças por meio da alimentação e seus saberes.

“Outro dia uma boliviana, filha de uma peruana e um chinês, estava comendo baião de dois, e a mãe conheceu o que é manteiga de garrafa. O nosso aluno chinês trouxe sushi, e as outras crianças quiseram experimentar. Isso é Brasil. Isso é comida que integra, que faz amigos ao redor da mesa”, conta Mônica Dias Lopes, coordenadora pedagógica.

Para Mônica, aproximar a família da escola é a base do trabalho. No “dia das mães boliviano”,

comemorado em 27 de maio, fizeram cartazes de celebração pela escola com ajuda das famílias. Nas festas, os pais também participam levando comidas típicas.

“É muito acolhedor para uma família boliviana, por exemplo, chegar a uma festa da escola e poder pedir uma salteña. Temos que valorizar essa interculturalidade e trabalhar a garantia de direitos independentemente da nacionalidade, pois somos todos cidadãos de direitos”, conclui Mônica.

Fonte: <http://educacaointegral.org.br/reportagens/como-escola-integrar-alunos-migrantes-valorizando-cultura/> - 26.06.2017

De braços abertos, Papa lança campanha "Compartilhe a viagem"

Com os braços abertos, o Papa Francisco inaugurou oficialmente a campanha da Caritas Internacional "Compartilhe a viagem", em prol das famílias obrigadas a migrar.

Ao final da catequese na Audiência Geral, o Pontífice recordou que é o próprio Cristo que nos pede para acolher os nossos irmãos e irmãs migrantes e refugiados com os braços bem abertos:

“Justamente assim – gesticulou o Papa – com os braços bem abertos, prontos a um abraço sincero, afetuoso e envolvente, um pouco como esta colunata da Praça S. Pedro, que representa a Igreja mãe que abraça todos na compartilha da viagem comum.”

Francisco deu as boas-vindas aos refugiados presentes na Praça S. Pedro e agradeceu aos

agentes da Caritas Internacional pelo empenho para realizar um abaixo-assinado para pedir uma nova lei migratório mais pertinente ao contexto atual.

No Brasil, o lançamento da campanha foi feito também no Cristo Redentor, como explica o Secretário-Executivo da Cáritas Brasileira, Luiz Cláudio Lopes.

Fonte: http://br.radiovaticana.va/news/2017/09/27/de_bra%C3%A7os_abertos_papa_lan%C3%A7a_campanha_compartilhe_a_viagem/1339235 - 27.09.2017

ENGLISH

The Art of the Border: Searching for Kikito

A French artist's colossal installation on Mexico's side of the border may make the invisible visible, but other subjects carry a sharper critical edge and pose deeper questions.

David Bacon

For almost an hour, Laura, Moises, and I drove through the dusty neighborhoods of Tecate, looking for Kikito. Tecate is a small border city in the dry hills of Baja California. It's famous for a huge brewery, although today most workers find jobs in local maquiladoras.

When we asked for directions, a couple of people had heard of Kikito, but couldn't tell us where he was. Most didn't know who we were talking about.

We figured that if we kept driving along the border fence, we'd find him. In these neighborhoods, the second stories of large comfortable homes, mostly built in the 1940s and 1950s, rise above adobe

walls enclosing their courtyards. But unlike downtown, with its colorful bustle, there was no street life on the hot streets here, hardly anyone on the sidewalk.

Finally, we passed the one man who could surely tell us how to find Kikito—the cable guy. He even volunteered to lead us in his van part of the way. Using his directions, we bumped along a dirt road next to the border fence, up and down a couple of hills where the city fades into scrubland. Then we found Kikito.

He was much larger than I'd imagined.

Kikito is an enormous photograph of a 1-year-old child, pasted onto plywood sheets. The assemblage is mounted on a huge, complex metal scaffold, 65 feet high, much like what painters erect to embrace the buildings they work on. Kikito's scaffolding, however, doesn't embrace anything. Instead, it pushes the enormous photograph toward, and above, the border wall's severe vertical iron bars.

The structure is so big that to bring the photo into position, part of the hillside had to be excavated, and a hole dug deep into the ravine at the bottom. I felt like Dorothy going behind the curtain to confront the Wizard as he manically pulls levers to present his fierce, disembodied face to the world. Like the Wizard's, you can only see Kikito's visage the right way from the other side of the curtain—in this case, the metal fence separating Tecate from the United States.

Viewed from the U.S. side, Kikito becomes a giant black-and-white toddler, his chubby hands appearing to grip the top of the border wall as he looks over it, into the mysterious United States. He has a slight smile.

If we'd been on the U.S. side, driving east from San Diego, we could have followed the directions that Kikito's creator, the French artist JR, posted on his website. There you can even see JR's photograph of two U.S. Border Patrol agents staring at the baby. Apparently, they often help visitors find the right spot.

We now have 20,000 Border Patrol agents, whose parked vans dot the desert all along the border wall from California to Texas, as they wait to grab someone trying to cross. Helping visitors find Kikito must provide a welcome break in the tedium of watching and waiting, and sweating in vans on shadeless hills, where the temperature climbs to 105 degrees and above.

It's obvious that Kikito's audience is located in the United States. "The piece is best viewed from the U.S. side of the border," JR's website explains. In fact, the optical effect can only be seen from that side—Mexicans standing in Tecate, where it's

actually located, can't see it the right way. JR says Kikito is looking "playfully," but then admits, "Kikito and his family cannot cross the border to see the artwork from the ideal vantage point."

I took a photo of Laura on a nearby hummock, just to give an idea of the structure's immense scale. She seems diminutive next to it. In her classes at the Colegio de la Frontera Norte (COLEF) in Tijuana, and in her books and research about the migration of Mexico's indigenous people to Baja California and eventually to the United States, Laura Velasco is hardly dispassionate. She advocates for migrants, and has no love for the wall and its unsubtle messages of "Keep Out!" and "Stay in Mexico!"

That's one reason she liked Kikito. "He shows us to be human beings," she said, looking up at his half smile. "That's a good message for people in the U.S. And he does it without shouting, just by being who he is." If people in Mexico can't see him properly, she thinks, they're not the ones who need to get the message anyway.

When the installation went up, President Trump had just issued his threat to terminate the Deferred Action for Childhood Arrivals (DACA) program, withdrawing the legal status of 800,000 young people brought by their parents to the United States without visas as children. Many of those youth—the Dreamers—saw a baby looking over the border wall as a symbol of their own humanity in the face of fear and possible deportation.

Yet my visceral reaction, as I looked down the hillside at this immense toddler, was more skeptical. In a desert where hundreds of people die every year of thirst and exhaustion, trying to dodge Border Patrol agents, trekking on foot across the wall in the intense heat, is it enough to simply say, "Immigrants are human beings"? Why such a soft message in such a harsh context?

The wall, and the border militarization of which it is a part, is exacting a terrible cost. It's paid by uprooted Oaxacan farmers needing work and money to send home, by parents and children desperate to reunite families fractured by earlier migrations, by Honduran refugees fleeing violence. When many die crossing the desert (232 in the first seven months of 2017), they're buried in the Holtville cemetery, 89 miles east of Kikito in the Imperial Valley.

Successive U.S. administrations have beefed up the Border Patrol's numbers, built multiple walls, handed out contracts for high-tech surveillance devices, detained hundreds of thousands of people in for-profit detention centers and then deported them. It's a big media story, and

produces a fascination with the border among U.S. photographers and artists, who then create photodocumentaries and art projects currently popular in the mainstream media. The border sells, in other words. Kikito is part of a growing genre.

Richard Misrach, a well-known photographer, produced a large book of photographs, *Border Cantos*, which shows the absurdity of a wall of iron bars that suddenly stops at a golf course, allowing real-estate agents to play through. He communicates an atmosphere of violence in images of spent shells on the range where Border Patrol agents practice shooting, and the possibility of death from thirst in images of flags signaling the water cans left by immigration activists and Good Samaritans along the migrant trails. But like Kikito, his audience is in the United States. The photographs, almost all without people, look at the border wall from the northern side.

Some projects are less documentary. In *The New Yorker*, writer Jonathan Blitzer recounts how Magnum photographer Carolyn Drake “set out for the U.S.-Mexico border just after Donald Trump won the Presidency.”

“Where is Drake taking us?” Blitzer asks. “This is an American project, she told me. She’s less concerned with who’s crossing to or from Mexico than she is with who’s already on the American side, living alongside the border as though wedged between two worlds.”

The *New Yorker* labeled Drake’s work “Haunted Photographs of America’s Borderlands,” a phrase that signals that we’re only looking at the border from the U.S. side. “Our obsession with the border has a lot of fantasy involved,” Drake explained to Blitzer. “You’re searching for something, but it’s not really there.” Her 22 photographs on the magazine’s website are all taken in the United States—Mexicans only exist once they’ve arrived in the north.

“When did this contemporary diaspora become a ‘fantasy’?” asks Don Bartletti, who in his years at the *Los Angeles Times* probably took more photographs of the border than any other U.S. photographer. “The border is certainly clearly defined for millions of people searching for something better on the other side.”

Another *New Yorker* writer, Alexandra Schwartz, calls JR “a magician who conjures people onto walls.” She notes that he’s done other photographic projects on the same scale, pasting black-and-white portraits of immigrants onto buildings and walls in Europe and elsewhere. He too got his impetus from Trump. “When Trump started to talk a lot about a wall along the Mexican

border, one day I woke up and I saw a kid looking over the wall,” JR told Schwartz. “We know that a 1-year-old doesn’t have a political vision, or any political point of view. He doesn’t see walls as we see them.”

I’m sure JR doesn’t see Mexicans as 1-year-olds. But the way the border is objectified and used can make people in Mexico suspicious about how people on the other side of the wall see them, when they see them at all.

“The subject of the border is profitable for artists,” Enrique Botello, a photographer in Ensenada and founder of Galería 184, told me. “I think most U.S. photographers don’t understand the price we’re paying on the border, in terms of the number of people dying. They’re motivated mainly by self-interest because the subject of the border is easy to sell. A lot of photographers only want to come and take pictures without being very critical—just exploit the subject.”

After looking at Kikito, we drove over to Tecate’s new municipal art center for the presentation of a book about California farmworkers, published jointly by COLEF in Tijuana and the University of California Press in Oakland. Afterward, we went to drink wine at a local restaurant with friends—poets and artists.

“Kikito means nothing to me,” announced Francisco Morales, Baja California’s celebrated poet and activist. (See his poems that follow this article.) His partner, Rocio Hoffmann Silva, is a portrait painter. Between them, they live project to project, book to book, and often have a hard time putting together the income to pay the bills. “I look at the resources needed to create Kikito, and think about what we could use them for here,” she said. “There’s so much available in the U.S. When we want to create art that looks at our lives here, support is hard to find.”

Oscar Contreras, a sociologist at COLEF born in Tecate, thought Kikito didn’t have to make an overt political statement. “It can exist in its own right,” he argued, “and we can appreciate it or not based on how well it communicates its aesthetic ideas.” Kikito, however, and photographs of the wall and the “borderlands” are created as social documents, not just art abstracted from reality. That’s the basis for their media popularity—why photographers and artists get the funding needed to create them. “If they’re measured against social reality, I think that’s fair,” he added. “After all, can Kikito exist without the wall?”

Morales isn’t angry at Kikito in particular, but like many of his colleagues believes Tijuana’s vibrant culture is ignored in U.S. media coverage of the border. Mexican artists create their own art about

the migration experience, because it is such a fundamental aspect of Mexican life. Virtually every family has a member or friend who's crossed to the United States, where more than 9 percent of the country's population now lives. One famous work mounted crosses on the border wall's metal plates, where it runs along the road past the Tijuana airport. Gallon jugs symbolizing the water carried by border crossers were stacked against it, each with the name of someone whose body had been found in the desert.

At the ironically named Friendship Park (Parque de la Amistad) in Playas de Tijuana, the graffiti on the wall's bars is itself an art project. The wall, both there and on the fence leading to Mexicali's crossing gate, has become a venue for photographers and artists. Their art is sharp, critiquing mass deportations and the hard lives of migrants on the other side. And these works can only be shown on the Mexican side—the Border Patrol will not allow art installations on the side they control.

Much of the Mexican art about the border focuses on the wall and its human cost, but photographers like Botello also insist that the coverage has to include the roots of migration. "The problem of the border is bilateral," he says. "U.S. policy toward the border is becoming very radicalized, causing the death of so many migrants. But the problem of the border is also that of the countries exporting those migrants."

To enrique botello, the problem of Kikito is that he is too distant, both from the deaths at the border and from the reasons people risk it—what they are migrating from. "JR says that he has no political position!" he exclaims. "His interest isn't in making a commitment, just in his art."

Bartletti is angrier. "Many photographers who parachute in to the U.S.-Mexico border portray its cultural anthropology as simple theater," he argues. "'The Border' has become a convenient stage, with little documentary evidence of the causes and consequences of migration for survival. But it's probably good for their bottom line."

Art or photography can help change the world, if it arises from the political commitment and involvement of the artist and photographer. "We

should strengthen solidarity on all the borders of the world," Botello urges, "so that that someday all those borders will disappear." Therefore, photography projects, he believes, should be produced in cooperation across the border, in active solidarity.

While there are few examples of this today, it is an idea with historical precedent. In the 1930s and 1940s, Mexican muralists Diego Rivera, David Alfaro Siqueiros, and José Clemente Orozco came to the United States and created radical murals that were cultural weapons of that era in movements for social change. They inspired a generation of radical U.S. painters in the process. Rivera's Rockefeller Center mural, "Man at the Crossroads," was viewed as so dangerous that its patron, Nelson Rockefeller, had it demolished. Tina Modotti, born in Italy and raised in San Francisco, and Mariana Yampolsky, born in Chicago, created photographs that became part of the revolutionary cultural upsurge in Mexico from the 1920s to the 1950s.

In making Kikito, a Mexican child visible to the United States, JR has created a border-focused project. But if part of its purpose was to make the invisible visible, other subjects carry a sharper critical edge, and pose deeper questions about the reality people experience on the border. What happens, for instance, to those pushed back through the gate in the border wall, once they're deported from the United States?

Today, scores of young people live in the concrete channel built to contain the floods of the Tijuana River, which runs through the middle of the city near the border between Mexico and the United States. Like the Los Angeles River channel, it is mostly a featureless cement expanse, but in Tijuana it is filled with deportees with no money and no homes.

Juan Manuel Barragan Corona, recently expelled from the United States and living in the river bottom, has a wife and two teenage children in Las Vegas. "We are the invisible people," he says. "In this life, no one counts for less than a deported Mexican."

Fonte: <http://prospect.org/article/art-border-searching-kikito> - 30.10.2017

U.S.-Mexico Border Inspires Artists to Tell Immigrants' Stories

Anna Bitong

When artist and activist Teresita de la Torre volunteered with the nonprofit Water Station, she left gallons of water in the scorching Southern California desert for undocumented Mexican immigrants. While at work at Ocotillo in Imperial County, she found a tattered plaid shirt on a bush and decided to wear it every day for a year in remembrance of the unidentified person who wore it.

De la Torre, who immigrated from Mexico to the border town of Laredo, Texas, as a child, documented the experience on Instagram and in drawings for “365 Days in an Immigrant’s Shirt.” The project is included in “unDocumenta,” an exhibition at the Oceanside Museum of Art in San Diego on view through January 28. The show is among several exhibitions in the Getty’s Pacific Standard Time: LA/LA initiative inspired by the perilous border between the United States and Mexico and the immigrants who try to cross it.

“I’ve reached 200 consecutive days of wearing a shirt that a brave soul left behind in search of a new beginning,” de la Torre wrote on Instagram on June 8, 2015. “I don’t know what this person went through, or why he or she left it behind. I don’t know if I can change anyone or anything, but I know that I am capable of changing my world..”

When strangers in Orange County, where she lives, joked about her ripped shirt, de la Torre told them why she wore it and “their faces sunk,” she said.

“I told them where I found the shirt and that many people lose their lives trying to cross the border,” she said. “(The project) is definitely motivated by compassion and empathy in the sense that you want to put yourself in someone else’s perspective, and also dignified rage because of the current migration and border issues that are completely unjust.”

The concept of border art concerned with issues such as biculturalism, migration, labor and human rights has thrived in U.S.-Mexico border areas like San Diego and Tijuana, according to “unDocumenta” organizers, who began planning the show before President Donald Trump took office and pushed for the construction of a border wall.

“Someone said, ‘Isn’t it opportunistic to have this show?’” said “unDocumenta” curator Alessandra Moctezuma, a professor of fine art and gallery director at San Diego Mesa College. “I said, ‘Well, this has been my life. Many of my students are immigrants. I know a lot of artists that deal with the border, so it’s not a new issue for me. It’s something that I’m passionate about.’”

The debate prompted Marcos Ramirez, also known as ERRE, who was born in Tijuana, to recreate the border on the façade of the Oceanside Museum, on display from Nov. 11. Erre also made a billboard of the back of a man standing at the border overlooking Tijuana, a reference to the Minuteman activist group dedicated to preventing illegal border crossings.

Ana Teresa Fernandez, who was born in Tampico, Mexico and lives in San Francisco, went to the black fence between Playas de Tijuana in Mexico and Border Field State Park in San Diego and painted it sky blue. Her installation, titled “Borrando la Frontera,” or “erasing the border,” will include a video and paintings of the experience.

“UnDocumenta” spotlights the plight of immigrants, Moctezuma said. Claudia Cano photographed herself wearing a maid’s uniform and cleaned outdoor public places to call attention to “invisible” labor.

“I was always raised with the idea that artists should be active participants in society, and that their work can in many ways impact and change the way we view things,” Moctezuma said. “I can never forget Trump saying that Mexicans are rapists and criminals. One of the things I want to accomplish is to put a human face to immigrants, so they’re not just numbers, and to counter the prejudices and stereotypes.”

Coastal/Border

In “Give Us Home Spider,” Edgar Frias addressed environmental racism in predominately Latino, low-income communities like his own. A documentary of his project is part of the “Coastal/Border” exhibition, at the Angels Gate Cultural Center in San Pedro until Dec. 17.

Frias’ parents were undocumented immigrants when they came to the U.S. in their early teens and later settled in Bloomington, San Bernardino County, Calif., where they and their children were exposed to high levels of toxic hexavalent chromium emitted from a cement plant near their home. Frias and his younger brother both suffer from respiratory problems.

Frias is a descendant of the indigenous Mexican Wixarika people, who perform ancient rituals at sacred sites during their annual pilgrimage to Wirikuta in the central Mexican desert, areas they have fought to protect from mining and agriculture. Frias performed their rituals in five places impacted by industry, including Bloomington.

He started at the Port of Los Angeles in San Pedro, which was once inhabited by Native Americans and later by a large Japanese

community sent to internment camps during World War II. He also went to Coachella Valley High School, where pesticides from a nearby agricultural field sickened students last year.

“The main goal of the rituals is to honor the land and the beings on the land,” said Frias, who will discuss environmental racism with activist Demi Espinoza at the center Dec. 10. “And to also honor the pain and suffering and also advancements that these industrial organizations have brought upon the land. We’re asking for more transparency, more honesty, and in a sense some reparations and healing for communities that are still being affected.”

“Coastal/Border” also includes Jimena Sarno’s sculpture, video and sound installation, “from sea to shining sea.” Sarno worked with classical composer Diana Woolner to reconstruct the song “America the Beautiful.” The new rendition was performed by the C3LA Choir inside a decommissioned Naval gun casemate at the White Point Military Reservation in San Pedro at sunset in early September.

The piece borrows tones and partial words from the original song and numbers from declassified plans for the military base. There are no lyrics or instruments, only counting and sounds meant to mimic the blare of weapons.

“To me, it’s almost like the song falls apart in its true or intended meaning, in the hopeful, patriotic meaning,” said Sarno, who immigrated from Argentina to the U.S. 25 years ago.

“I went through all the difficulties and long roads that immigrants go through to attain things that people here take for granted, like education,” she said. “Everything is an uphill battle when you’re not from here. There’s this expectation that immigrants have to be exceptional to be justified. All those things are in my mind when I do work.”

The US-Mexico Border: Place, Imagination, and Possibility

“The US-Mexico Border: Place, Imagination, and Possibility,” at the Craft & Folk Art Museum in Los Angeles until Jan. 7, 2018, features the work of artists from disciplines including design, architecture, sculpture, painting and photography.

During two years of preparation for the show, curator Lowery Sims, curator emerita of the Museum of Arts and Design in New York, visited Mexican cities near the U.S. border. In Ensenada, she met architect Alejandro D’Acosta, whose designs include a winery made from salvaged boats. He lent the show his notebooks filled with his drawings and plans.

“This is one of the most exciting installations. You really get a sense of his process,” Sims said.

Three floors of objects and images on display at the museum capture life on both sides of the border.

Tanya Aguiñiga, who was raised in Tijuana and now lives in L.A., created “Tierra,” a rug made of white nylon and vinyl tubes stuffed with soil from the Tijuana-San Ysidro border. Attached to the tubes are leather strips stamped with phrases referencing the places where soil was collected, such as beneath the bridge where her mentor committed suicide, the beach where she had her first kiss, and the U.S.-Mexico border.

Simple strands of canvas and polyester thread by Raquel Bessudo represent La Bestia, also known as The Death Train. Central American immigrants pile on top of the cargo train, which does not have passenger cars, for dangerous journeys to the U.S.

Julio Cesar Morales’ watercolor series, “Undocumented Interventions,” depict people hidden in places like piñatas and washing machines, a reference to illegal border crossings and human trafficking.

Guillermo Galindo shows items discarded by migrants on the border, which he uses to create musical instruments, which “inspire musical scores that can evoke the sounds of the landscapes from which the objects were retrieved, thus seeking to humanize and give voice to migrants through the personal belongings they have left behind,” according to a description of his work.

In his musical composition titled “Voces del Desierto,” or “Voices of the Desert,” he uses the new and wind instruments-flute, oboe, clarinet, French horn and bassoon-to create an eerie soundscape. Silence is punctuated by taps on drums and plastic bottles, the sound of blowing air and discordant screeches from the instruments.

“There’ve been many exhibitions showing heaps of clothing and shoes left by migrants,” Sims said. “But I like this one because it really takes their lives and makes music out of them, so that we remember them in a different way than just as a pile of rejected clothing.”

Teresa Margolles created “Rosario de Ajuste de Cuentas” and “Ajuste de Cuentas 15,” a rosary and necklace with an image of Jesus Malverde, the patron saint of Mexican drug cartels. She used gold alloy, transparent stones, crystals and glass fragments from crime scenes. The pieces respond to the violence and death caused by drug trafficking at the border.

Sims stopped in Ciudad Juarez, once a deadly battleground for drug cartels.

“I was in Juarez when they were out of the thick of the drug wars,” she said. “The artists are rising out like phoenixes out of the muck and the mire and really engaging the community, doing murals, making their work.”

The border-themed works fill Southern California galleries amid the construction of prototypes of a concrete border wall in San Diego, which will be funded by the Department of Homeland Security.

Moctezuma said that with her show, “We’re trying to reach out.”

“I hope it can highlight the problem of building a wall or having a huge obstacle that separates us,” she said, “as opposed to finding ways to work together, to communicate with each other, and develop policy that would help both countries.”

Fonte: <https://www.kcet.org/shows/artbound/us-mexico-border-inspires-artists-to-tell-immigrants-stories> - 10.10.2017

Art on the Underground shines light on refugee crisis

Mark Moran

Commuters in London are being made to contemplate the experience of asylum seekers fleeing the war in Syria by a film being projected at King’s Cross Tube station in London.

The Bureaucracy of Angels, by London-based artists Broomberg and Chanarin is the latest commission from Art on the Underground. It will run on a screen in the station until 25 November.

The 12-minute film records the demolition of 100 migrant boats in Sicily in the winter of 2016. The boats arrived carrying asylum seekers from North Africa and while the refugees entered Europe’s asylum system, the boats themselves remained on the forecourt of Porto Pozallo in Sicily before being destroyed.

The film is narrated by the hydraulic jaws of the digger used to destroy the boats. It appears in the narrow corridors of the boat yard, on the open sea and in the midst of a rescue operation off the coast of Libya, as a Cantastoria or “singing storyteller” recounting a Sicilian ballad about immigration to and from the territory over the last 150 years.

Broomberg and Chanarin have a long history of working in war-torn countries and areas of conflict. Their research on migration and movements of people led them to visit Sicily a number of times, where migrants arrive from perilous journeys across the Mediterranean. They filmed the rescue missions by the Migrant Offshore Aid Station (MOAS) foundation off the coast of Libya as well as the destruction of the boats left behind.

MOAS, with whom the artists have an on-going relationship, is dedicated to mitigating the loss of life to refugees and migrants in distress at sea and, as part of the launch of Broomberg and Chanarin’s commission, proceeds from the sale of

limited edition prints of the work are being donated to the charity.

During the creation of the commission, which will be shown in a location close to the exit of the Eurostar, Art on the Underground consulted a range of stakeholders to ensure the project is in line with current development and international aid practice. These included Nando Sigona, a leading academic on migrants and refugees at the University of Birmingham, MOAS, Refugee Action and others.

Broomberg and Chanarin said: “Placing a film into such an environment is challenging. Our goal was to gently disrupt the flow of people sleep-walking to work and back; confronting commuters with a very different kind of journey.”

Eleanor Pinfield, head of Art on the Underground stated: “Art on the Underground champions contemporary art in London - reflecting our global city with a global audience by working with artists from around the world. With this new commission, The Bureaucracy of Angels by Broomberg and Chanarin, we aim to challenge viewers to reconsider issues surrounding migration, a matter that has a particular relevance to London, by going beyond the familiar images we have become so accustomed to in media outlets.”

Regina Catrambone, co-founder of Migrant Offshore Aid Station added: “MOAS is grateful for the support it has received from Broomberg and Chanarin, and for their continued efforts to highlight the plight of migrants and refugees crossing the Mediterranean Sea. The Bureaucracy of Angels gives an interesting perspective of the migration phenomenon, focusing on the dilapidated and forgotten migrant vessels. In much the same way, migrants and refugees are forgotten by large sectors of our societies. It is our

duty to ensure that their stories are heard and that their voices continue to reach and touch people across the world. We hope that people on their daily commute in the London underground will be touched by this project and will share this experience with others.”

To encourage wider debate around themes of migration and identity Art on the Underground worked with A New Direction, a bridge organisation between cultural institutions and schools, to produce a Learning Resource for 12-18 year olds, and a talk, What Should White

Culture Do? Contemporary Art and Race, will take place on 10 November at the Royal College of Art. Further information on the learning guide, produced in partnership with cultural and educational charity A New Direction, can be found [here](#)

The Learning Resource will be launched at the Annual Schools Conference on the 10 October. It will be emailed to all London schools with hard copies available at the conference.

Fonte: <https://www.transportextra.com/publications/local-transport-today/news/54965/art-on-the-underground-shines-light-on-refugee-crisis/>
17.10.2017

‘Human Flow’ Offers a Searing Look at the Global Refugee Crisis

Using aerial photography and intimate, one-on-one interviews to document the plight of migrants in Europe, Africa, the Middle East and Asia, artist Ai Weiwei’s documentary is grim but vital.

Ella Taylor

In a scene of startling beauty in Ai Weiwei’s *Human Flow*, a group of refugees huddles together, with light bouncing off golden insulation blankets handed out by workers to warm them up as they arrive off a boat in Europe. Ai’s work is often meant to provoke, but the shot isn’t meant to plunder suffering for art’s sake. It’s a moment of noticing, in a gorgeous-looking documentary that never spares us the ugly, unspeakable miseries of forced migration. The film boasts no less than twelve cinematographers (among them the Chinese artist himself), which may be what it takes to track the planet’s largest mass migration since World War II and its impact on Europe, the continent taking the brunt of absorbing (or not) refugees fleeing brutal wars around the globe.

Human Flow is structured by aerial shots of beautiful expanses of land and sea in the Middle East, Africa and parts of Asia where civil conflicts take their toll. Intended or not, these vistas — punctuated by silent pans through towns and cities reduced to rubble by repeat bombings — serve as a tacit reminder that those who left were driven out of homes they loved and not, as some have charged, that they seized the day to press for more prosperous lives. The shots from above make them look like massed ant colonies sailing across oceans, trudging through muddy fields in rain and sleet, milling around camps in Jordan, Turkey, Germany and France, with nothing but hope to sustain them.

We’re then we’re brought in close, to focus on individuals matter-of-factly recounting the horrors they endured at home, the new nations where

they hope to settle (Germany, primarily), and their anguish at being stuck in transit camps with no certain exit. At times Ai frames them standing in their tents, gazing at the camera in a silent plea for us to own our collective responsibility for fellow humans in distress.

The film shows us how, one by one, European nations are scaling back, closing their borders or, in the case of the European Union in 2016, cutting a deal with Turkey that returned many thousands of people to camps in that country, where they languish without discernible futures. Expert talking heads from the United Nations and other relief agencies offer macro-explanations of the virtual collapse of a refugee management system that was geared to process individual asylum applications and now finds itself overwhelmed by sheer numbers.

When pulling back to global analysis, *Human Flow* skews to the familiar, scattershot and politically skimpy, stretching itself thin over the particular dilemmas of host countries with different political cultures. The film shows how Germany, perhaps the most organized and welcoming nation, grapples with the difficulties of absorbing mass populations overnight and keeping them occupied. Yet Ai devotes only cursory attention to the political and cultural divisions opening up among citizens of many European nations, fueled by fears stoked by nativists that their cultures will be engulfed.

Human Flow is at its most potent, and poignant, when it scales down to the human level. At over two hours long, the litany of pain and suffering can

be numbing. Which may be why the director keeps popping into frame to help with food or cheer up a glum child, or, in one sequence, to exchange (presumably) fake passports with a young Middle Eastern man. The Chinese artist, an exile himself who now lives in Berlin and is currently mounting a controversial installation about walls and borders around New York City, is a genial, kindly and playful presence in *Human Flow*. Remarkably, given their almost unbearable stories of escape from privations of every kind and the uncertainties and difficulties of their current plight, the film's subjects, too, are remarkably docile and upbeat. The buoyant high spirits of

children, always ready to play with available materials, are uplifting.

Yet given one of the film's grimmer statistics — the average time migrants spend in camps, we are told, is a shocking 26 years — *Human Flow* leaves us wondering what will become of this lost generation, stranded without home or schooling or work, if or when they run out of hope and turn to anger or despair.

Fonte:

<https://www.houstonpublicmedia.org/articles/news/features/2017/10/14/242426/human-flow-offers-a-searing-look-at-the-global-refugee-crisis/> - 14.10.2017

Swimming lessons a cultural exchange for young migrant men

On a Thursday afternoon, the Friends' Pool is echoing with the calls of swimming instructors and the splashes of excited teenage boys learning to swim.

The lessons are organised by the Migrant Resource Centre (MRC) with Reclink Australia and help from participating schools.

Colin Maier is a youth worker with MRC and he said the swimming students got more than just stronger arms by being in the program.

"Swimming is a really important skill to have and it's also a really significant cultural pastime in Australia," Mr Maier said.

"One of our main goals is to connect our clients with mainstream services and activities."

The classes are open to boys aged 15 to 25, with most of the teenagers coming through arrangements with their schools.

The ages and swimming abilities vary greatly from session to session, but they are rarely scared to have a go.

"They're teenage boys, pretty confident," Mr Maier said.

"We've got some kids who can barely tread water and some other kids who have been swimming for much longer than you'd think.

"It's a good extracurricular activity for them. It gives them a place to hang out together that isn't at school and it isn't so structured."

While there is an instructor to teach the boys techniques, the lessons are relaxed and no-one is forced to take part in the more formal part of the lesson.

Many of the boys divide their time between following the lesson and relaxing by the side of the pool chatting with friends and Mr Maier.

Sixteen-year-old Surjen comes to the lessons from Cosgrove High and gains more than just confidence in the water through the sessions.

"To chill out with friends and to drag them in the water. It's standard, but it's fun, you know," he said with a big grin.

Surjen spent most of his life in a Bhutanese refugee camp in Nepal and never had the opportunity to learn to swim until coming to Tasmania two years ago.

He said his aim was to just get good enough to have fun.

"Just confidence in the water so I can swim with friends in the pool or at the beach," Surjen said.

The classes are supported by different secondary schools such as Cosgrove High and Claremont College.

This helps the boys to attend, as the schools organise transport to the pool, and means they are meeting and mixing with a wider range of people.

For Hem, who also spent much of his life in a refugee camp in Nepal, swimming is hard, but the friendships make it worthwhile.

"I found all of them difficult the first time," Hem said.

"They are pretty good friends, they teach me how to swim. I almost know everyone.

"I want to learn more and get some more skills."

The friendships formed are also important to Salim, who is in his final year of college and planning to go onto TAFE next year.

"I come to it with my friends and the other guys ... just talking and some practice swimming. It's very good to me," he said.

"The first time is very hard ... I just keep going and I'm pretty good now.

"It's good for my body and just for myself it's good."

MRC also organises swimming lessons for young women on Friday afternoons.

Information on how to get involved with the lessons and other programs organised through MRC can be found on its website.

Fonte: <http://www.abc.net.au/news/2015-12-01/swimming-lessons-a-cultural-exchange-for-young-migrant-men/6989368> - 01.12.2015

Reggae helps heal mental wounds of torture for migrants in Italy

Umberto Bacchi

In a tiny makeshift rehearsal studio in a residential neighborhood of Rome, Nigerian asylum seeker Sylvester Ezeala let slip a smile as he drummed a pair of claves to the mesmeric beat of African reggae.

"I love music. Music is life. It makes you relax and calms your nerves," said Ezeala, 28, who credits music for obliterating the feelings of loneliness and loss that had brought him to the verge of suicide just a few months earlier.

Ezeala is a member of a band set up by medical charity Doctors for Human Rights (MEDU) to help migrants who experienced torture and extreme violence before fleeing to a new life.

For an increasing number of migrants arriving in Italy bear mental as well as physical scars due to abuse experienced in their country of origin or on their way to Europe, mainly in Libya, according to the Rome-based non-government organization.

MEDU coordinator Alberto Barbieri said most suffer from depression and post-traumatic stress disorder, which can cause nightmares, flashbacks, insomnia, guilt and isolation.

"All together these symptoms seriously impair people's social, work, affective and interpersonal life and ... increase isolation," said Barbieri.

Music As Therapy

Almost 600,000 migrants arrived in Italy over the past four years. Most sailed from Libya in flimsy vessels operated by people smugglers. More than 13,000 have died trying to make the crossing.

But difficulties in securing work and learning Italian led to a sense of seclusion among many new arrivals who spend most of their day in reception centers with little to do, added MEDU's cultural mediator Abdoulaye Toure, 39.

"Often the only opportunity they have to get out is coming here to listen (and play) music," he said.

Set up at the beginning of the year as support to clinical therapy, the MEDU Music Band meets twice a week and has performed at several private and public events, playing a mix of African pop, rap and reggae.

"Music allows (them) to be together, express emotions and feel part of something," said Barbieri.

Ezeala is a new addition to the group, having been referred to the charity after attempting to take his own life, he said.

He fled Nigeria last year fearing arrest for backing the secession of an area in the southeast formerly known as Biafra.

His father and brother were shot dead during pro-secession protests in the southern state of Anambra in 2016, while he was beaten by security forces and hit by a stray bullet, he said.

Amnesty International last year accused Nigerian security forces of killing at least 150 Biafra separatists at peaceful rallies, which the military and police denied.

The army said at the time that the separatists, often armed, had behaved violently, killing several policeman and attacking both military and police vehicles.

"The military and other security agencies exercised maximum restraints despite the flurry of provocative and unjustifiable violence," army spokesman Sani Usman said in a statement last year.

As Ezeala recovered, his family put him on a flight to Italy where he applied for asylum, he said.

But after spending a few months in a reception center, loneliness overwhelmed him.

"I look at myself and I was like: 'what I am living here (for)? My father and brother are dead, my mother is far, what I can do?'... it made me want to jump and end my life," he said.

Joining the band gave him a sense of belonging. “They are my family now,” he said.

Industrial Abuse

MEDU said about 90 percent of more than 2,000 migrants assisted by its mobile health clinic over the past three years reported being exposed to torture or extreme violence - mostly at the hands of armed groups, criminal gangs and smugglers.

“Unfortunately in Libya today ... violence and torture are practiced on industrial scale,” said Barbieri.

An overwhelming majority of African migrants who passed through Libya on the way to Italy witnessed or suffered a series of abuses including murder, rape and food deprivation, according to a study by British NGO Oxfam.

Ibrahim Jalloh, a singer from Sierra Leone in the MEDU band, said he was kidnapped and held for more than a year in Tripoli by a criminal group that demanded a ransom from his family.

He was routinely beaten and when it became clear he couldn't get any money he was put in a separate cell with others migrants, waiting to be executed, he said.

“If you don't pay, they kill you,” said 34-year-old Jalloh.

Knowing their fate was sealed, the group rioted when gunmen came to open the cell, he said, and

he was hit in the head with the butt of a rifle, passed out and left for dead.

He woke up the next morning with many former inmates lying dead nearby and walked out of the building. He was helped by a local man in a passing car who took him to a doctor, housed him until recovery and gave him money to get on a boat to Italy.

“The trouble in Libya is that .. either you chose to die (there) or you risk to cross the Mediterranean Sea,” he said.

Toure, the cultural mediator who also plays with the group, said music was helping Jalloh and his band mates recover.

“Music has removed sadness from their faces. (Before) they would sit tense because of all they went through ... now they laugh and are happier,” he said.

Reporting by Umberto Bacchi @UmbertoBacchi, Editing by Lyndsay Griffiths and Belinda Goldsmith; Please credit the Thomson Reuters Foundation, the charitable arm of Thomson Reuters, that covers humanitarian news, women's rights, trafficking, property rights, climate change and resilience. Visit news.trust.org

Fonte: <https://www.reuters.com/article/us-italy-migrants-mental-health/reggae-helps-heal-mental-wounds-of-torture-for-migrants-in-italy-idUSKCN1B11J2> - 21.08.2017

Magnum Photos publishes guide on Europe for refugees, migrants

Roughly 1 million people applied for asylum in the European Union last year. A special guide published in several languages now gives them practical tips and useful background information on the history of Europe.

Bettina Baumann

Poles, Czechs, Slovaks, Belarussians, Lithuanians, Ukrainians, Hungarians, Germans - they were once all refugees themselves.

Roughly 20 million people were displaced by World War II. During the winter of 1944/45, 12 million Germans were expelled from their former homes in East Prussia, Pomerania, Brandenburg, Silesia and Poland. During the war in the former Yugoslavia in the 1990s, millions of people fled their homes.

According to the UNHCR, 65 million people worldwide were refugees in 2016, fleeing war, terrorism and hunger - especially in war-torn Syria. Roughly 1 million people applied for asylum in the

EU last year, most of them from Syria, Afghanistan and Iraq.

How can we help?

For the last 20 years, German Magnum photographer Thomas Dworzak has been working in regions ripped apart by war and crisis. He took pictures in Yugoslavia in the early 1990s, as well as in Chechnya, Georgia, Iraq and Afghanistan.

He was on the Balkan route in the fall of 2015 when hundreds of thousands of refugees were trying to reach northern and western Europe. Dworzak was frustrated by what he saw, observing how he and other photographers around him were all doing the same thing:

capturing the refugees' suffering in the same pictures and the stories repeated over and over. Nothing seemed to change.

"I got the impression that my pictures wouldn't make a big difference," he said. That's why he decided to try out something else. "I noticed that the refugees were asking a lot of questions. How do I apply for asylum in Belgium? What kind of health system do they have over there? They were mainly interested in practical things."

Making Europe more accessible

Knowing how the refugees could access information via Facebook and various apps, Dworzak decided to go one step further and develop an introduction into life in Europe.

He came up with a book full of practical information and useful tips, but also some chapters on the history of Europe and the EU, as well as political debates in Europe that would affect their future as migrants. In addition, the book contains contributions by journalists and authors, and personal reports by Europeans.

Thanks to the work of many contributors, the book "Europa: An Illustrated Introduction to Europe for Migrants and Refugees" was published this past November, less than a year after the project was started. It was supported by the publisher Al-liquindoi, the Arab Fund for Arts and Culture (AFAC), the Italian cultural organization On the Move, the UNHCR and the Allianz Cultural Foundation.

Another major contributor was, naturally, Magnum Photos. The photo agency, known around the world for its huge archive of historical and present-day photos, contributed many iconic images.

Without its involvement, the book - published in English, French, Farsi and Arabic - certainly wouldn't be what it is now. The mostly black-and-white photos focus on postwar Germany, the Western way of life, the destruction of the former Yugoslavia in the 1990s and a lot more.

"Just looking at the pictures, you wouldn't know where they were shot. That was an important aspect to me," said Alia Malek, a New York-based journalist who edited the book and helped develop its structure.

The idea was to show the refugees that Europe hasn't always been what it is now, a rich and industrialized continent, and to emphasize that Europe also saw wars and military conflicts until

most of its states peacefully united in the European Union.

"Telling the refugees the story of Europe could strengthen their hope for reconciliation," added Malek.

Practical tips

The book also contains plenty of practical tips. Dworzak's special project was to take pictures of street signs, supermarket labels, ticket machines and trash cans - all normal, everyday things which could look completely different in the refugees' home countries. With his pictures, Dworzak hopes to help these new arrivals get around and navigate daily life in Europe.

The book also tells readers about the typical foods and drinks, traditions and popular films and books in Germany, Austria, Belgium, Spain, France, Greece, Italy, the Netherlands, Britain and Sweden, countries that have become particularly popular with refugees and migrants. In addition, the book lists major information centers.

"I got the impression that these people were very happy about the fact that something had been created especially for them," explained Jessica Murray of publisher Al-liquindoi, who coordinated the project. She toured Europe at the end of November in order to distribute 5,000 copies free of charge to NGOs, refugee shelters and aid workers.

Murray's trip was very successful - "refugees were fascinated by the amount of information in the book," she remembered. "Also, teachers working with the refugees were impressed by the many ways in which they can make use of the book."

Improving international understanding

Another objective of the book's authors and editors is to promote cultural exchange between different groups of refugees. Particularly helpful in this regard are the personal accounts of people living and working in Europe, locals and newcomers, refugees of the post-war era and of today.

"Europeans and refugees are given an opportunity to see their own experiences reflected in those of others," said Malek. Though to what extent the book is able to achieve its high-minded goal remains to be seen.

Fonte: <http://www.dw.com/en/magnum-photos-publishes-guide-on-europe-for-refugees-migrants/a-37157359> - 17.01.2017

ESPAÑOL

Castilla y León fortalecerá la integración de los inmigrantes desde educación

La educación será uno de los puntos principales donde la Junta de Castilla y León fortalecerá la integración de la población inmigrante en esta comunidad autónoma, que suma 128.633 personas, el 5,26 por ciento del censo autonómico y el 2,79 por ciento de los extranjeros residentes en España.

Uno de los objetivos es el de estrechar aún más la coordinación de los profesionales de los centros educativos y la participación de las familias del alumnado inmigrante, según consta en el borrador del IV Plan Estratégico de Cohesión Social con las Personas Inmigrantes y la Convivencia Intercultural en Castilla y León.

Ha sido elaborado durante los últimos meses por el Grupo de Trabajo de Inmigración, coordinado por la Consejería de la Presidencia, y en breve será sometido a un procedimiento de información pública a través del Portal del Gobierno Abierto, han informado hoy fuentes de la administración autonómica.

Otra de sus premisas es la traducción de títulos académicos para que las personas inmigrantes con escasos recursos económicos puedan homologarlos y convalidarlos, con el fin de obtener las mismas oportunidades laborales.

En la misma línea de salvaguarda de la igualdad de oportunidades, el borrador del plan propone un mayor control por parte de la Inspección de

Trabajo de la Seguridad Social para garantizar a los inmigrantes las mismas condiciones laborales en sectores donde predomina la mano de obra extranjera, como son la Agricultura y la construcción.

Dentro del apartado cultural y del deporte, el plan estratégico apuesta por un modelo deportivo de carácter lúdico, educativo y basado en los valores de respeto, para erradicar y prevenir manifestaciones violentas de carácter racista, xenófobo y de intolerancia.

Del Grupo de Trabajo de Inmigración, además de la Junta, forman parte los sindicatos UGT y CC.OO, la asociación de empresarios CECAL, las entidades titulares de centros integrales de inmigración, la Federación Regional de Municipios y Provincias (FRMP) y una representación de las asociaciones de inmigrantes.

El IV Plan pretende erigirse en una guía para las administraciones y entidades que trabajan en favor de la integración con las personas inmigrantes, con el fin de avanzar en la misma línea.

Fonte:

<http://www.lavanguardia.com/vida/20171118/432974052929/castilla-y-leon-fortalecera-la-integracion-de-los-inmigrantes-desde-educacion.html> - 18.11.2017

Interculturalidad y salud de migrantes mayas en EE. UU.

Marytere Narváez

"Conectando mundos" es un proyecto binacional desarrollado por la Universidad Autónoma de Yucatán (Uady) y la Universidad de El Paso, Texas, con el objetivo de promover el entendimiento entre médicos y pacientes inmigrantes provenientes de Yucatán, así como la asistencia de la población migrante a los centros de salud.

Nancy Beatriz Villanueva Villanueva, investigadora del Centro de Investigaciones Regionales "Dr. Hideyo Noguchi" de la Universidad Autónoma de Yucatán (CIR Uady), señaló en entrevista para la Agencia Informativa Conacyt que la mayoría de los pacientes no solamente proviene de un país diferente sino que son miembros de culturas indígenas con distintas formas de vida, de mirar el mundo, de

comunicarse, de clasificar el cuerpo y de entender las enfermedades.

"Existen varios obstáculos en el proceso de entendimiento médico-paciente. Uno de ellos es el vocabulario técnico del médico que los pacientes desconocen. El entendimiento se vuelve más difícil cuando el paciente tiene un nivel de escolaridad bajo. Si a esto le sumamos la procedencia de una cultura distinta a la del

médico, el proceso de comprensión es más complicado”, indicó.

Migrantes yucatecos en San Francisco

Hasta 2013, la Asociación Mayab estimaba que cerca de 15 mil mayas yucatecos vivían en San Francisco. En una muestra de 170 de estos inmigrantes, se encontró que aproximadamente la mitad eran originarios de la ciudad de Oxkutzcab y el resto de pueblos de alrededor de Oxkutzcab y Peto.

Con base en estos datos, los investigadores del CIR Uady calcularon que las dos terceras partes del total de inmigrantes yucatecos radicados en San Francisco procedían del municipio de Oxkutzcab, es decir, alrededor de 10 mil personas.

“Esta cantidad representa 34.1 por ciento de la población total del municipio, lo cual indica una alta tasa de migración solo hacia San Francisco. Y es que, en efecto, durante la investigación de campo no hubo persona con quien platicáramos que no tuviera parientes viviendo en ese destino estadounidense”, indicó Villanueva.

Investigación en Oxkutzcab, Yucatán

En 2014, el maestro Miguel Güemez Pineda, investigador de la Unidad de Ciencias Sociales del CIR Uady, recibió una invitación para participar en el proyecto “Conectando mundos”, coordinado entonces por la Universidad de El Paso, Texas (UTEP) y miembros de la Asociación Mayab.

A su vez, el maestro Miguel Güemez invitó a la doctora Nancy Villanueva a participar en la investigación y juntos iniciaron una búsqueda de información documental y estadísticas oficiales, pero sus fuentes principales de información fueron obtenidas en el trabajo de campo realizado en tres comisarías del municipio de Oxkutzcab, en Yucatán.

“Primero fuimos contactando a migrantes o exmigrantes. El mercado fue uno de los espacios iniciales para obtener información y contactar a personas dispuestas a concedernos entrevistas más amplias en sus hogares. Las y los vendedores de frutas accedieron fácilmente a platicarnos sus experiencias y a proporcionarnos nombres y domicilios de parientes exmigrantes o de vecinos con familiares radicando en San Francisco, California. El sitio de taxis, ubicado en el parque central de Oxkutzcab, fue otro espacio para obtener información y concertar citas para entrevistas”, describió.

Después de establecer sus contactos clave, los investigadores iniciaron un periodo de entrevistas

con el objetivo principal de conocer las enfermedades que los migrantes tuvieron y la forma en que las trataron.

“Si asistieron al médico, cómo los atendieron; si no asistieron al médico, por qué y cómo solucionaron sus problemas de salud. Esas eran las preguntas del proyecto, pero para responderlas era importante saber cuándo se fueron, cómo se fueron, por qué se fueron y qué motivaciones los guiaron”, indicó.

Visión realista y visión crítica de la interculturalidad

Para Nancy Villanueva, la interculturalidad implica respetar, reconocer y valorar las formas de ser del otro sin imponer la propia, con la intención de generar acuerdos para el entendimiento mutuo. “El otro es el que no soy yo, es quien tiene una cultura diferente a la mía. Para el Estado, para la sociedad occidental y para los grupos que tienen el poder, el otro son los indígenas. Para los indígenas es al revés”, describió.

Como parte del estudio, los investigadores realizaron una selección bibliográfica que permitiera describir de manera general una tipología y una diversidad de posturas en torno al concepto teórico de la interculturalidad, con el propósito de analizar los escenarios posibles en el campo de la salud intercultural. Como resultado, retomaron tres posturas principales: una realista, una funcionalista y una crítica.

En la visión realista, autores como el antropólogo Jorge Gasché plantean que no es posible pensar la interculturalidad sin pensar en la relación de dominación y sumisión. Para Gasché, las relaciones del presente son asimétricas, desiguales y están relacionadas con estructuras de poder.

“En la relación indígenas-no indígenas (el Estado y demás sectores sociales dominantes que han incorporado la cultura occidental), los primeros son los que realmente practican cotidianamente la interculturalidad porque ellos son los que tratan de entender a los no indígenas, a los practicantes de la cultura occidental; estos últimos siempre les imponemos modelos educativos y curativos, a través de la escuela y el sistema de salud, por ejemplo, y sus saberes y formas de curarse se ven como erróneas, como supersticiones o mitos y no como saberes”, apuntó Villanueva.

Otra propuesta de análisis de la interculturalidad es la que se ha denominado perspectiva crítica. Esta ha sido elaborada por Raúl Fonet-Betancourt, Fidel Tubino, Felipe González, entre otros autores.

Sumándose a esta línea, Catherine Walsh, profesora y directora del doctorado en Estudios Culturales Latinoamericanos de la Universidad Andina Simón Bolívar, propone que una verdadera interculturalidad solo es posible modificando las estructuras jurídicas, incorporando a los indígenas en el diseño e implementación de nuevas leyes que incluyan sus intereses, sus visiones del mundo, su normatividad, sus saberes, sus modos de vida.

Diferencia entre interculturalidad y multiculturalidad

De acuerdo con Nancy Villanueva, en muchas ocasiones la interculturalidad se confunde con la multiculturalidad, cuando en realidad parten de premisas diferentes.

“La multiculturalidad es simplemente aceptar la diversidad de una manera folclorizada, sin incorporar la vertiente política, las relaciones de poder, sin reconocer que en la sociedad hay desigualdad. Quienes detentan el poder dejan hacer a los dominados mientras sus prácticas no atenten contra sus intereses políticos y económicos”, describió.

En muchas iniciativas institucionales se parte de una visión funcionalista, donde una cultura intenta entender a otras con el fin de imponerse a esta. “En un mundo globalizado como el actual, generalmente se acepta la multiculturalidad pero no se respeta la interculturalidad”.

En muchas iniciativas institucionales se parte de una visión funcionalista, donde una cultura intenta entender otras con el fin de imponerse a esta. “En un mundo globalizado como el actual, generalmente se acepta la multiculturalidad pero no se respeta la interculturalidad”.

Para la investigadora, la problemática principal del proyecto “Conectando mundos” es que está planteado desde una visión funcionalista, donde se busca dar ciertos espacios a los migrantes

pero se impone finalmente la visión occidental de la ciencia.

“Es como traducir con los principios de las ciencias médicas el conocimiento médico tradicional y decidir qué sí entra y qué no. Esta perspectiva es diferente de tratar de entender las prácticas de los indígenas en sus propios términos y, en un momento dado, tratar de cambiar la propia visión de la ciencia”, comentó.

Diálogo de saberes

En la teoría crítica, autores como el sociólogo portugués Boaventura de Sousa Santos proponen que la interculturalidad implica un diálogo de saberes, en el que personas con distintos procesos de socialización y procedentes de culturas diferentes puedan entenderse, intercambiar puntos de vista sin imponer uno al otro su propia visión del mundo, conocimientos, prácticas, valores y normas.

De acuerdo con la investigadora, en un diálogo de saberes todos aprenden del otro, se interpretan mutuamente desde sus propios esquemas cognitivos y culturales, se respetan y valoran recíprocamente. Cada uno asume que ninguna cultura es absolutamente mejor que la otra, pero que sí hay prácticas del otro que pueden resultarnos útiles.

“El diálogo de saberes dice que mi visión nunca va a ser igual a la tuya y en una relación intercultural van a conversar la visión occidental y científica con la visión que se considera tradicional o no científica. No necesariamente una será mejor que otra, sino que cada quien va a retomar lo mejor del otro y lo va a reinterpretar en función de su matriz cultural. En esos procesos de comunicación se da la interculturalidad también”, finalizó.

Fonte: <http://conacytprensa.mx/index.php/ciencia/salud/16858-interculturalidad-salud-migrantes-mayas-eeuu> - 24.08.2017

La Junta refuerza la adaptación lingüística para migrantes en los centros de menores de la capital

La Junta de Andalucía reforzará la adaptación lingüística para menores migrantes en los centros de protección de la capital granadina Bermúdez de Castro y Ángel Ganivet.

La Junta de Andalucía reforzará la adaptación lingüística para menores migrantes en los centros de protección de la capital granadina Bermúdez de Castro y Ángel Ganivet.

Para facilitararlo, el delegado territorial de Igualdad, Salud y Políticas Sociales de la Junta en

Granada, Higinio Almagro, y el titular provincial de Educación, Germán González, han firmado un acuerdo de colaboración por el que un profesional de Adaptación Lingüística para Migrantes desarrollará esta labor, que ya se viene desarrollando en los centros educativos de la provincia, también en los centros de protección

dirigidos a menores. Según ha informado la Junta en una nota de prensa, este profesional reforzará, en horario extraescolar, la enseñanza del idioma a los menores migrantes no acompañados y realizará labores de apoyo curricular y de mediación que faciliten el trabajo de intervención en los centros de protección de menores Ángel Ganivet y Bermúdez de Castro. Igualmente ahondará en el conocimiento de la cultura andaluza y en la inclusión e integración social de estos menores. Para Higinio Almagro, "potenciando el aprendizaje de la lengua castellana de estos menores, facilitamos su incorporación a los centros educativos, mejorando el procedimiento normalizado de escolarización y sus posibilidades de éxito escolar". "Todo ello forma parte de la apuesta efectiva por la inclusión que impulsa la Junta de Andalucía", ha señalado Germán González, por su parte, que ha detallado que "el sistema educativo andaluz establece los principios de igualdad, equidad y solidaridad para garantizar el éxito escolar de todo el alumnado, arbitrando respuestas específicas ante la

diversidad social y cultural, entre las que se cuentan mediadores interculturales, planes de acompañamiento lingüístico para alumnado inmigrante, o las aulas temporales de adaptación lingüística". El profesional coordinará con el resto del equipo de adaptación lingüística, "la evolución, necesidades, demandas y seguimiento educativo de estos menores en los centros donde están escolarizados". En principio, este acuerdo estará vigente durante el presente curso escolar 2017/2018. En la provincia de Granada se encuentran acogidos en centros de protección alrededor de 400 menores más los que se encuentran acogidos por familias que suman otros tantos. Ambos regímenes residenciales son complementarios y necesarios dentro del sistema de protección de menores establecido en la comunidad de Andalucía.

Fonte: <http://www.20minutos.es/noticia/3175251/0/junta-refuerza-adaptacion-linguistica-para-migrantes-centros-menores-capital/#xtor=AD-15&xts=467263> - 31.10.2017

Migración hacia los Estados Unidos y educación intercultural

Aldemar Giraldo

Las migraciones se remontan a los inicios de la humanidad y para muchos científicos, la historia de la humanidad es la historia de aquéllas. Antes de la Segunda Guerra Mundial, las oleadas migratorias hacia los Estados Unidos fueron europeas, pero sin olvidar el grupo africano, traído a la fuerza; a partir de la segunda mitad del siglo pasado comenzó la inmigración hispana masiva, dentro del contexto del llamado "sueño americano", entendido como "la oportunidad de lograr más riqueza de la que ellos podrían tener en sus países de origen o también, la oportunidad de que sus hijos crecieran con una buena educación y grandes oportunidades, incluso los más pobres pueden ascender a la clase media o más alto. Pero, de hecho, en Estados Unidos es más difícil ascender que en la mayoría de otras naciones desarrolladas" (Hargreaves: 2013).

En nuestro país, la migración al exterior y, en especial, a Estados Unidos se ha dado en tres etapas desde 1810 hasta hoy; en los años sesenta empieza la migración significativa de colombianos al exterior, la cual coincide con las reformas migratorias de Estados Unidos que autorizaron la reunificación familiar, como también, con la demanda de mano de obra en Venezuela durante el boom petrolero de los

setenta. Los lugares de destino preferidos en Estados Unidos corresponden al área metropolitana de Nueva York y el sur de la Florida.

Desde los años noventa hasta hoy, en Colombia se da la apertura económica; hay aumento del desempleo y el narcotráfico; se agudiza el conflicto armado; personas de todas las clases sociales y regiones migran en busca de mejores ingresos y de oportunidades laborales, académicas y desarrollo de vida sostenible. La migración de colombianos a los Estados Unidos, actualmente, corresponde a una comunidad residente que ha sido estimada en los últimos años en 798.639 personas, población predominantemente urbana en búsqueda de movilidad social, acosada, especialmente, por razones asociadas a la situación política.

A pesar de que los Estados Unidos es el país receptor del mayor número de inmigrantes hispanoparlantes no siempre ha reconocido y protegido el hecho de la multiculturalidad, sino que ha mostrado deseos de afianzar la unidad e identidad nacionales y sus gobernantes han hecho caso omiso de la misma o han sugerido, olímpicamente, una asimilación total en la cual los grupos minoritarios deben abandonar su

patrimonio lingüístico- cultural para convertirse en estadounidenses plenos; se olvidan de que los inmigrantes contribuyen decisivamente a construir esa nueva realidad pluri e intercultural, por cuanto aportan sus tradiciones, creencias y valores y, a la vez, se integran en un contexto heterogéneo no excluyente.

¿Qué ocurre con un inmigrante que se instala en un país sin abandonar su cultura de origen ni su sentimiento de pertenencia a otro país? Aporta sus valores, creencias y prácticas compatibles con los de la sociedad receptora y contribuye a crear una nueva identidad común. Todo ello fruto de compartir intereses comunes derivados de su participación en el sistema productivo y social. La gran paradoja es que los capitales y productos o mercancías traspasan todos los límites geográficos, gracias a la tecnología virtual; basta un “click” o un Tratado de Libre Comercio para que todo viaje a la velocidad del sonido, mientras las personas, verdaderas productoras de esa riqueza encuentran muros infranqueables, reglamentaciones “desde arriba” que hacen imposible el derecho al libre movimiento o al desarrollo de sueños personales.

La pregunta que surge es: ¿Los logros de los Estados democráticos de bienestar son de exclusiva propiedad de quienes han nacido en ellos o se han naturalizado allí? No, pues nacer en un país es arbitrario y muchas veces accidental y esta arbitrariedad “se puede corregir estableciendo el derecho a la libre circulación y la residencia” (Bauböck, 1995), imponiéndose así la realidad pluricultural en una sociedad tendencialmente multiétnica en un contexto global, llegándose paulatinamente al concepto de ciudadanía multicultural que lleva implícitos la diversidad y derecho a la igualdad; en pocas palabras, y citando a De Lucas (2000), “el punto de partida de la integración de las personas inmigrantes debe ser el derecho a tener derechos y deberes”.

Volviendo a los inmigrantes colombianos, éstos constituyen un grupo numeroso, unos en condición de refugiados, otros, como ilegales, naturalizados o hasta ciudadanos, con baja participación política y reducida organización e integración comunitaria; según Bidegain (2006), “esto se explica por la reproducción de las escalas sociales y la estigmatización de la población colombiana, en razón del narcotráfico y actividades conexas, lo cual ha motivado la desconfianza entre los propios colombianos y ha afectado negativamente sus relaciones”.

Sin embargo, sea cual sea su estatus, guardan en sus recuerdos las experiencias de ingreso, sus luchas para satisfacer las necesidades básicas o

el reconocimiento de sus derechos mínimos como personas, como también, la búsqueda de un mecanismo para legalizar su estada irregular o extender en el tiempo la legal.

La educación intercultural pretende el desarrollo de acciones positivas en el seno de las instituciones escolares para que éstas modifiquen su cultura tradicional, que ha hecho de la diferencia objeto de estigma y minusvaloración; reclama la presencia como lengua de la enseñanza del idioma materno del estudiante, la dignificación de las culturas particulares y su potencialidad formadora, la eliminación de los prejuicios y estereotipos. Reclama también la incorporación de métodos de aprendizaje y evaluación comprometidos con la diversidad de ideas previas, intereses, estilos y ritmos de aprendizaje, motivaciones y capacidades.

La educación intercultural aspira también a cambiar las actitudes de la mayoría. Como ha hecho notar el informe Swann (1985), la realidad multicultural del mundo actual exige un nuevo proyecto educativo que capacite a los alumnos para entender y conocer tal diversidad.

Estados Unidos, siendo una sociedad multicultural con grupos étnicos bien diferenciados, no fomenta ni pone en práctica una verdadera educación intercultural, entendida como “aquella que permite aprender acerca de los diversos grupos culturales, ahondando en sus diferencias y reconociendo con entusiasmo las posibles similitudes culturales; esa educación que enseña en las aulas a valorar las diferencias entre las culturas y enriquece a los alumnos con su contenido curricular”, (García, 1978). Los inmigrantes hispanos han tenido que asumir y vivir experiencias educativas, fruto de sucesivos ensayos en los cuales no se han tenido en cuenta sus características particulares, sus necesidades ni su identidad cultural; lo más grave es que han sido ignorados en el momento de definir políticas para su educación; cosa contraria ocurre cuando se necesita el voto para las legislativas o las presidenciales.

La mayoría de los estudiantes que hablan lenguas minoritarias no tienen acceso a una educación lingüística y culturalmente pertinente y relevante para sus vidas. Hay una gran cantidad de escuelas públicas que sirven a poblaciones de estudiantes que hablan lenguas minoritarias, pero en muy pocas se ha adoptado una estrategia pedagógica cuya meta sea fomentar altos niveles de bilingüedad y comprensión intercultural; aunque la mayoría de los maestros ha tenido una formación docente a nivel universitario, pocos han sido capacitados para atender las necesidades de

aprendizaje de un grupo de estudiantes cultural y lingüísticamente diverso.

Tratando de redondear el asunto, Muchos colombianos han emigrado a los Estados Unidos en busca de una situación mejor; esta población ha engrosado el patrimonio cultural de esa

nación, pero no ha recibido una verdadera educación intercultural que reconozca la dignidad de los inmigrantes y se constituya en la base que garantice el encuentro intercultural.

Fonte: <https://www.elquindiano.com/noticia/1448/migracion-hacia-los-estados-unidos-y-educacion-intercultural> - 09.11.2017

Desafíos de la integración en el medio del arte y la cultura

Con motivo del 375 aniversario de la ciudad de Montreal, el mes de septiembre pasado, el Consejo Intercultural de Montreal, CIM, presentó la exposición fotográfica Montréal, terre d'artistes-Montreal, tierra de artistas.

Pablo Gómez Barrios

En esta exposición se hace un sobrevuelo de la diversidad artística de Montreal a través de una serie de fotografías que interpretan cada una y de una forma extraordinariamente original las experiencias creativas realizada por artistas inmigrantes provenientes de distintos lugares del mundo.

Las 13 fotografías de los artistas son la obra del fotógrafo y activista maxicanadiense Damián Siqueiros. La curadora de esta exposición fue la artista visual e investigadora independiente, también mexicanadiense, Mariza Rosales Argonza.

Otro de los objetivos de esta exposición era de llevar también a una reflexión a distintos niveles sobre lo que representa justamente para esta

tierra de artistas la integración de todos esos artistas provenientes de la diversidad o de la inmigración en Canadá y más particularmente en Montreal.

En ese sentido y para encadenar con la invitación a la reflexión de esta exposición, el Consejo Intercultural de Montreal, CIM, convida el 30 de noviembre próximo a una mesa redonda sobre "Los desafíos de la integración en el medio del arte y la cultura".

Pablo Gómez Barrios conversó con Mariza Rosales Argonza, curadora de la exposición Montreal, tierra de artistas y panelista invitada en esta mesa redonda.

Fonte: <http://www.rcinet.ca/es/2017/11/11/desafios-de-la-integracion-en-el-medio-del-arte-y-la-cultura/> - 11.11.2017

Gael García: "'Coco' va para los hijos de inmigrantes insultados por Trump"

"Coco", la nueva propuesta de Pixar, convertida en la cinta de mayor recaudación en la historia de México, va dedicada a "a los hijos de los inmigrantes insultados por Donald Trump", dijo el actor Gael García Bernal en una entrevista con la agencia EFE.

"Siento que si hay una dedicatoria, y me tomo la libertad de hacerlo en nombre de Pixar y de sus trabajadores latinos, es para esos chicos que crecen en un país, EEUU, donde el presidente dijo que sus padres y sus abuelos son violadores, narcotraficantes y criminales", afirmó el mexicano.

"Esta película les ayudará a tener la entereza y la fuerza que necesitan para contrargumentar esa mentira, para desestimarla y hacerla desaparecer. "Coco" habla de ese país de donde venimos que es mucho más complejo y sofisticado

culturalmente que EEUU. Ojalá esos chicos se sientan orgullosos al ver la película", agregó.

"Coco", de la mano de Lee Unkrich y Darla Anderson, ganadores del Óscar por "Toy Story 3", cuenta la historia del joven Miguel y de un misterio oculto durante décadas por sus allegados, un secreto que será desvelado a través de un viaje al fantástico y colorido mundo del Día de Muertos, la tradicional celebración mexicana.

"La película es un triunfo, no solo argumentativo y filosófico, sino también formal. Es muy bonita de ver", indicó Bernal.

El ganador del Globo de Oro por la serie "Mozart in the Jungle" no puede ocultar el orgullo que siente de haber formado parte de la cinta, que arranca con la sintonía de Disney interpretada con música mariachi.

"Es emocionante. Me impresiona por ser un acto tan transcultural. No es algo menor decir que Disney y Pixar han hecho una película mexicana. Demuestra los triunfos de la magia del cine. Resulta fantástico comprobar cómo la extranjería logra describir un lugar y armar su mitología con tanta certeza", reflexionó el actor.

"Por eso", continuó, "es tan maravillosa la migrancia y la conexión intercultural", que han dejado en el pasado joyas cinematográficas como "Los olvidados", de Luis Buñuel, o "Taking Off", de Milos Forman.

"Capturaron la esencia de algo que estaba sucediendo y solo alguien de fuera podía hacerlo tan bien", señaló.

En el filme, Bernal encarna a Héctor, un hombre que pide ayuda a Miguel para visitar la Tierra de los Vivos, algo que solo se puede conseguir si alguien de ese espectro le recuerda de forma activa.

"Yo lo veo como una especie de Baloo, el personaje de 'El libro de la selva', aunque no como el literario, sino como el de la película de Tin Tan (Germán Valdés), de la época de oro. Me inspiré en esa libertad y ese juego", indicó el actor, que también ve paralelismos de su personaje con el cantante Sixto Rodríguez o

Ratso Rizzo, el hombre al que encarnó Dustin Hoffman en "Midnight Cowboy".

"Es un antihéroe que acompaña, pero que encierra una gran historia y la lleva dentro de él de forma discreta. Me gustan sus valores. Esos que van contracorriente con muchas tendencias de hoy en día, donde se busca el éxito a toda costa", declaró.

Bernal tiene dos hijos que sabe que disfrutarán con la película, pero es consciente de que el mensaje que encierra "Coco" dejará un poso en los adultos.

"El Día de Muertos es una celebración única, generosa y que trasciende los tiempos. No se puede reducir a una estructura materialista como Halloween, sino que permite una reflexión auténtica y personal en torno a la muerte y las relaciones con nuestra familia", valoró.

La película, que ha batido el récord de espectadores en la historia de México (más de 16,4 millones), se estrena en EE.UU. el miércoles y cuenta con las voces de Jaime Camil, Benjamin Bratt, Edward James Olmos, Alfonso Arau, Gabriel Iglesias y Cheech Marin, entre otros.

Fonte: <http://www.laprensa.com.bo/index.php/cine/20171118/gael-garcia-coco-va-hijos-inmigrantes-insultados-trump> - 18.11.2017

Mujeres inmigrantes residentes en Temuco participarán en iniciativa que fusiona arte e identidad

Se trata de un proyecto financiado por el CNCA a través del Fondart, en la línea de culturas migrantes.

En la sala Enrique Eilers del Museo Regional de La Araucanía se dio inicio al proyecto "Trayectorias migratorias, arte e identidad", ejecutado por un equipo interdisciplinario dirigido por la antropóloga Ximena Alarcón y financiado por el Consejo de la Cultura a través del Fondart regional, en la línea de culturas migrantes. Esta propuesta tiene como propósito contribuir al intercambio de saberes entre mujeres de distintas nacionalidades residentes en la ciudad de Temuco, aportando herramientas para su integración sociocultural mediante diversas expresiones del arte.

En la ocasión estuvieron presentes el Seremi de Gobierno Ernesto Paillán, el Director de Cultura Pedro Mariman, el director del INDH Federico Aguirre, la consejera de Cultura María Edilia Mellado, representantes de agrupaciones, los profesionales a cargo de proyecto, artistas y mujeres que son parte de esta iniciativa.

"Nos parece muy positivo que este proyecto apunte a rescatar la trayectoria, cultura e identidad de las mujeres migrantes que han llegado de distintos países y que son depositarias de diferentes saberes y costumbres de sus lugares de origen, lo que va a permitir avanzar en una región mucho más inclusiva y multicultural", comentó el Seremi de Gobierno Ernesto Paillán.

Agregó que para el Gobierno el fenómeno de la migración es un tema de máxima preocupación para ir generando nuevas políticas públicas. "Se ha estado generando desde el ejecutivo un nuevo sustento jurídico para personas migrantes y por ello la Presidenta Bachelet ha comprometido el ingreso, para fines del mes de agosto, un proyecto de ley de migraciones que está orientado a poder entregar mayor dignidad y derechos a extranjeros que buscan nuevas oportunidades de crecimiento y desarrollo en nuestro país".

El vocero de Gobierno en La Araucanía dijo, sin embargo, que “no basta con promulgar una ley que regule el tema, sino que debemos comenzar por generar mayor conciencia y una cultura de no discriminación, lo que debe comenzar en la formación inicial y la educación formal de nuestros niños en las escuelas”, concluyó.

El director de Cultura Pedro Mariman, resaltó que se trata de una iniciativa financiada mediante la nueva línea que abrió en CNCA en la convocatoria 2017 de Fondart, como una forma de dar respuesta al fenómeno migratorio presente en todo el país y generar espacios para implementar acciones relacionadas con la interculturalidad y los derechos culturales de las personas migrantes.

“Este es un proyecto que busca recoger el testimonio de mujeres migrantes que han llegado hasta la región en todo el proceso desde el punto de partida en sus respectivos países hasta la llegada a Wallmapu, región de La Araucanía donde se han instalado a residir y por medio del relato de ellas y del apoyo en términos de talleres de algunas disciplinas, ellas podrán expresar esas vivencias a través de la creación artística”, sostuvo Mariman.

Diálogo

En la ocasión se realizó un foro en el que intervinieron la coreógrafa Georgina Araneda de la Academia “Dancerías”, y los investigadores Fernanda Bascur, egresada de antropología, Stefany Álvarez, geógrafa y el periodista Nelson Zapata, quienes son parte de la iniciativa. Luego

se sumaron tres representantes de las mujeres participantes del proyecto, Natalia Cárdenas de Colombia, Lismar Castillo de Venezuela y Wandeline Pierre Louis de Haití, quienes dieron a conocer a la audiencia sus puntos de vista sobre la migración reciente en la región visualizando nuevas perspectivas de integración.

“Este proyecto tiene el objetivo generar las condiciones para el intercambio de saberes entre 15 mujeres que residen en la ciudad y que representan a 8 nacionalidades. Tenemos considerado un programa formativo de distintas manifestaciones artísticas, un ciclo de talleres de danza moderna, pintura y contemporánea, música y pensamiento mapuche. Esperamos que esta investigación sea registrada y sistematizada, a través de un estudio y una muestra fotográfica de las distintas etapas”, explicó Ximena Alarcón. La antropóloga además invitó a las mujeres interesadas en participar a inscribirse, porque aún quedan cupos vacantes.

Lismar Castillo es abogada, llegó desde Venezuela hace 4 años a Temuco, subrayó que “me interesó mucho el proyecto porque aborda los temas que me interesan como migración, derechos humanos y la femineidad, es decir que está dirigido a mujeres. Me va a aportar mucho para crear redes y poder compartir con otras mujeres que han llegado a la ciudad, conocer sus historias y aprender cómo Chile está manejando el tema de la migración”.

Fonte: <http://www.elciudadano.cl/chile/xmass-tattoo-fest-stgo-2017-centro-arte-alameda/12/15/> - 14.08.2017

ITALIANO

“La terra inquieta”: l'arte racconta migrazioni e crisi dei rifugiati

Alla Triennale di Milano 65 artisti e artiste da tutto il mondo

Ci sono le trasformazioni epocali che stanno segnando lo scenario globale e la storia contemporanea, in particolare le questioni della migrazione e la crisi dei rifugiati, al centro della mostra «La Terra Inquieta », ideata e curata da Massimiliano Gioni, promossa da Fondazione Nicola Trussardi e Fondazione Triennale di Milano, aperta al pubblico fino al 20 agosto. La Terra Inquieta espone a La Triennale di Milano le opere di 65 artiste e artisti provenienti da vari Paesi del mondo, tra cui Albania, Algeria,

Bangladesh, Egitto, Ghana, Iraq, Libano, Marocco, Siria e Turchia. Con installazioni, video, immagini di reportage, materiali storici e oggetti di cultura materiale, il percorso espositivo esplora geografie reali e immaginarie, ricostruendo l'odissea dei migranti e le storie individuali e collettive di viaggi disperati.

«Per Glissant il mare è una forza oscura: energia in movimento, più funerea che feconda, luogo della nostalgia e della perdita. È la stessa sensibilità che emerge da molte delle opere in

mostra - continua il curatore della mostra - ed è questa forse la metamorfosi più dolorosa che si è consumata in questo nuovo secolo: l'immagine del Mediterraneo che ci restituiscono molti artisti di oggi non è più quella di una culla di civiltà e di un intreccio di culture, ma un luogo di barbarie, un inferno liquido». Questa mostra, per Clarice Pecori Giraldi, vicepresidente della Triennale di Milano, «consegna all'arte la responsabilità di raccontare questi cambiamenti, questi conflitti, queste tensioni che hanno origine da guerre, esodi e catastrofi naturali. La Triennale di Milano sente l'obbligo di fare la sua parte in questo racconto, per riflettere su queste moltitudini senza nome che ogni giorno portano avanti la loro ricerca di una vita dignitosa. La mostra ci costringe a fare i conti anche con il nostro mondo ormai invecchiato, e a ricordare che non tanto tempo fa eravamo noi ad attraversare mari per trovare una nuova vita, una migliore opportunità».

Il presente che si intreccia al passato e, in qualche modo, chiude il cerchio. Come nel percorso espositivo della mostra che si conclude con la Statua della Libertà del video di Steve McQueen e le parole della poetessa Emma Lazarus scolpite sulla lapide di bronzo posta alla base della Statua: la madre degli esuli che accoglie gli stanchi, i poveri, le masse infreddolite, gli scossi dalle tempeste. «Antiche terre - ella dirà con labbra mute - a voi la gran pompa! A me date/ i vostri stanchi, i vostri poveri/ le vostre masse infreddolite desiderose di respirare liberi/ i rifiuti miserabili delle vostre spiagge affollate/ Mandatemi loro, i senz'atetto, gli scossi dalle tempeste/ e io solleverò la mia fiaccola accanto alla porta dorata». La Terra Inquieta è realizzata con il sostegno di Fondazione Cariplo.

Fonte: <http://www.lastampa.it/2017/08/14/cultura/arte/home-cover/la-terra-inquieta-larte-racconta-migrazioni-e-crisi-dei-rifugiati-Zit58NEimHvAXVkuJEXcJN/pagina.html> – 14.08.2017

L'arte è politica, la Biennale dei migranti

Sono i protagonisti di «Viva arte viva». Il progetto di Olafur Eliasson: ai Giardini ottanta profughi impareranno a fare lampade che saranno poi messe in vendita. E il padiglione tedesco promette scandalo

I migranti sbarcano alla Biennale. E non lo fanno da un gommone, come nel 2011, quando il regista napoletano Guido Lombardi fece scendere da una barca di fortuna il gruppo di attori del suo film «La Bas», provocando reazioni e polemiche. Nel giorno della vernice della 57esima Biennale d'Arte di Venezia, voluta dalla curatrice Christine Macel nel segno del motto «Viva arte viva», i migranti si accomodano nel cuore del padiglione centrale ai Giardini, dove la Macel ha allestito la sua mostra e dove il mondo ha imparato a conoscere il progetto «Green Light» dell'artista Olafur Eliasson che coinvolge 80 tra richiedenti asilo e rifugiati ospitati in piccole strutture nel Comune di Venezia. Il progetto, pensato dall'artista con due associazioni non governative - Emergency e la Georg Danzer House di Vienna - è il frutto di un protocollo d'intesa tra Prefettura e Comune di Venezia e la Biennale.

Per tutta la durata dell'esposizione, quindi fino al 26 novembre, 80 profughi - su base volontaria e senza retribuzione, ma solo con rimborso spese - impareranno a fare lampade che chiunque, in visita alla Biennale, potrà acquistare per almeno 250 euro. Soldi che andranno alle Ong per finanziare altri progetti. Ieri si potevano vedere i primi rifugiati e profughi a «scuola» da studenti luav volontari, in un'istantanea figlia prediletta di questa Biennale, dove le migrazioni sono un tema

privilegiato, accanto alla difficoltà dell'essere artisti. «È emozionante vedere un artista straniero che pensa in questo modo agli immigrati e all'integrazione », spiega Mohammed Salhi, italo marocchino per 14 anni impegnato in progetti sull'integrazione nel Comune di Venezia. E come l'artista danese Eliasson anche la star del Padiglione Usa, Mark Bradford, ha allungato l'occhio su persone in difficoltà o sulla necessità, per l'arte, di adottare strategie sociali diverse, senza il linguaggio engagé degli anni '60, ma con i fatti: oltre alla sua mostra, «Domani è un altro giorno», alla quale lo spettatore accede passando di necessità ai lati di un bozzolo primordiale che simboleggia il crollo delle certezze, Bradford si è impegnato in un progetto a più ampio respiro con la cooperativa veneziana «Rio Terà dei pensieri », che da tempo sostiene le attività di carcerati e carcerate della casa di detenzione della Giudecca e di Santa Maria Maggiore: Bradford ha sponsorizzato l'apertura di un negozio di prodotti del carcere a Rialto e per i prossimi sei anni si è impegnato con la cooperativa per altri progetti a più ampio respiro.

E ancora: sempre nel padiglione centrale l'artista Hajra Waheed, con l'opera Sea Change ha voluto raccontare la storia di nove persone disperse in mare durante una migrazione fotografando le onde che molto probabilmente li hanno inghiottiti. Per non parlare degli sciamani e delle maschere

della mostra della curatrice all'Arsenale: un padiglione di tessuto a forma di tenda nel quale ieri ci si poteva unire a un gruppo di sciamani per evocare il mistero e la perdita di sé o la distesa di volti del Padiglione del Cile, a simboleggiare la coercizione a cambiare cognome operata nei confronti dei Mapuche. «La vera modernità è saper resistere nella complessità - ha spiegato il presidente della Biennale Paolo Baratta introducendo questo caleidoscopio di stili e volti che però va letto come la perla di una collana insieme alle altre Biennali d'arte passate, ha spiegato - L'arte ci aiuta a ritrovare la complessità della condizione umana. Nella vita quotidiana siamo costretti a temperare le differenze. L'arte è il momento in cui ci togliamo la maschera. Ha una dimensione sociale e politica. Ci vuole coraggio e generosità per essere artisti. Non tutti gli artisti hanno un avvenire a sei zeri e l'atto di donarsi all'altro è un atto di resistenza nei confronti di una dimensione banale della vita». Ne è perfettamente consapevole la curatrice, Macel, che loda l'otium degli artisti che «è creazione» ed è vista «in antitesi al negotium, sbagliando».

La maschera dietro cui si cela l'uomo moderno e che l'artista fa cadere con le sue azioni, è anche il

filtro attraverso cui leggere il padiglione della Germania, criticato a priori dagli animalisti per la presenza di sei cani in gabbia all'esterno del padiglione (a orari fissi, con molte pause, seguiti da un veterinario e con la presenza dell'addestratrice di questi cani, precisano dal padiglione). Il padiglione promette di dare scandalo per i performer che nei prossimi giorni animeranno lo spazio sotto e sopra il pavimento di vetro, con masturbazioni (così recita la nota stampa) e grida di piacere. Vedremo. Maschere sono anche gli uomini senza volto del padiglione della Russia, dove l'ordine mondiale è dominato da nuovi dei e gli uomini non hanno parola né occhi, mentre i Paesi in guerra come Siria, Iran o Iraq o in difficoltà come il Venezuela - il cui padiglione, promosso dal governo, vuole programmaticamente dare un'altra visione del Paese rispetto alla violenza sotto gli occhi di tutti in questi giorni - ci ricordano che il mondo fuori avrebbe molti appunti da prendere ascoltando gli artisti.

Fonte:

http://corrieredelveneto.corriere.it/veneto/notizie/cultura_e_tempolibero/2017/10-maggio-2017/arte-politica-biennale-migranti-2401563295810.shtml?refresh_ce-cp-10.05.2017

Lampedusa, la migrazione attraverso l'arte

Tra le tantissime fotografie scattate nello spazio giovani artisti Asimmetrie, in Via Trieste 39/A, in occasione dell'inaugurazione della mostra "Lampedusa", quella che mi ha più colpita ritrae due nostri giovani accolti davanti alle foto dei barconi stipati all'inverosimile nel loro viaggio attraverso il mare fino all'isola siciliana. Stanno osservando il "loro" viaggio. Il "Progetto Lampedusa" è una meditazione sul fenomeno delle migrazioni attraverso l'arte, intesa come pittura, scultura e fotografia; ma è anche una meditazione sulla vita, sul distacco, il viaggio, la sofferenza, i nuovi incontri, la rinascita. L'entusiasmo di Roberto e Jasmine Allegri è stato contagioso. Ci ha immediatamente coinvolti e convinti ad essere al loro fianco con il lavoro di due nostri accolti, Lamin Faty e Ibcee Dare. Lamin racconta il suo viaggio attraverso una sorta di cantastorie figurato; Ibcee ha creato una testa di re africano che dialoga con i re Longobardi, in una sorta di ponte ideale tra il nostro e il loro passato.

L'inaugurazione lo scorso 1 giugno è stata un successo fatto di tantissime persone convenute, emozioni, splendide fotografie (il reportage di Ilaria Vidaletti "Tra cielo e terra" ritrae alcuni dei nostri accolti in scatti che colgono l'anima di

ognuno di loro) e soprattutto un momento di coinvolgimento in prima persona dei tanti ragazzi che sono convenuti.

La mostra rimane aperta nei fine settimana fino al 30 giugno.

Qui di seguito le parole di Roberto Allegri nel discorso inaugurale:

"Questo progetto nasce nell'autunno dell'anno scorso quando Francesco Allegri, ispirandosi al famoso ciclo di Boccioni "Stati d'animo" inizia a plasmare nella creta "Quelli che partono", "Quelli che restano", "Gli addii". Se Boccioni si riferisce alla grande migrazione degli italiani all'estero, Francesco si riferisce invece alle migrazioni attuali degli afroasiatici verso l'Italia. Se la locomotiva divideva implacabile la folla alla stazione, Francesco divide addirittura la testa di quelli che partono ed in mezzo ci mette un vaso con sale, acqua e semi di girasole.

Sempre più coinvolto dal tema delle migrazioni dipinge "La danza prima della partenza" ispirato a Derain, plasma "Plegaria muda" e "Il primo passo" e "Lampedusa", realizza il collage "3 ottobre 2013", scolpisce nel marmo di Carrara "Il pescatore di Lampedusa".

Sarebbe diventata una mostra personale come tante altre se non ci fossero stati nel frattempo incontri importanti.

Conosce Lamin Fatty che ha vissuto in prima persona il viaggio dal Gambia a Lampedusa e poi a Brescia. A Lamin piacciono le sculture di Francesco e a Francesco piacciono gli acquarelli di Lamin. Decidono di esporre insieme.

Altro incontro importante è quello con gli infermieri del CISOM che hanno soccorso i migranti nel Mediterraneo dal 2008 a tutt'oggi.

C'era tanto materiale per testimoniare quanto stava accadendo a Lampedusa.

Per la conclusione avevamo pensato ad un passo dell'Apocalisse: "Nuova terra, nuovo cielo".

Ilaria Vidaletti, fotografa di grande sensibilità ed empatia, si è recata più volte presso l'Asilo Notturmo di San Riccardo Pampuri a Brescia per raccogliere testimonianze sulla vita dei migranti dopo Lampedusa. Il risultato è un reportage molto emozionante che ha forti richiami con il passo dell'Apocalisse scelto: una grande armonia

pervade gli sguardi delle persone ritratte, il dolore, la sofferenza, la paura, sono passate. Si alternano immagini di spose felici, acqua che disseta, giovani sereni accostati ad una sorprendente immagine di una città che sembra scendere dall'alto realizzata a Roma nella casa di Christian Andersen che già all'inizio del novecento immaginava una città universale.

Il percorso della mostra può essere letto anche come una progressiva rivelazione dell'identità del migrante. All'inizio sono senza volto, come nell'installazione "La mano dello scafista", poi li vediamo in gruppo sulle barche e gommoni con un effetto corale nelle foto del CISOM, infine vengono ritratti singolarmente con grande sensibilità e profondità. L'arte è un potente antidolorifico, spero che questa mostra sia un piccolo contributo per alleviare le sofferenze e le paure e possa riaccendere la speranza di potersi conoscere, apprezzare, di poter vivere insieme in pace."

Fonte: <http://www.fatebenefratelliasilonotturmo.eu/lampedusa-la-migrazione-attraverso-larte/>

L'integrazione culinaria di via Placida: storia di un quartiere "senza confini"

Manuela Modica

Palermo apre le danze, Catania le chiude: in mezzo un trionfo asiatico. È il lembo finale della via Placida, quel tratto che volge al viale Giostra. Un caleidoscopio culinario e culturale. Un perfetto esempio di integrazione spontanea. Se la via Palermo infatti è ormai una China Town, questi tre isolati ricordano, in versione miniatura, la famosissima Brick Lane, la via ricolma di odori e colori sud asiatici che attraversa l'East end londinese.

Ma in questa versione nostrana c'è di più: l'offerta culinaria orientale si mischia al cibo da strada siciliano trasformando il palato nel tempio dell'integrazione razziale.

Cibo da strada e da Muricello. Adolfo Diliberto è dentro e fuori contemporaneamente. Ha un chiosco sulla strada e una bottega all'interno dello storico mercato messinese. Pane e panelle o con la milza ma anche pasta con le sarde, il noto sfincione (versione palermitana della nostra focaccia) tutto cucinato da un palermitano doc, ex maresciallo dell'esercito in pensione: «Mi metto qui fuori per cercare di attirare gente all'interno perché il mercato la sera è quasi vuoto». Sono sei le botteghe sfitte all'interno, nonostante i lavori di ristrutturazione del mercato abbiano ridato nuova "luce" alla struttura. Rifatto il lucernaio che oltre a

proteggere dai piccioni illumina l'interno della struttura storica. Pure il pavimento è stato rinnovato anche se non sembrano in molti a calpestarlo. Eppure in tutta Europa impazza la moda dei mercati in cui si può acquistare il cibo ma anche sedersi a mangiare o soltanto assaggiare alcune pietanze. Tra tutti il mercato di San Miguel a Madrid, ma gli esempi si moltiplicano cammin facendo. Messina ne ha già uno. All'interno del Muricello le panelle con il richiamo fuori del chiosco di Diliberto: «Aspettiamo che il Comune cambi la destinazione d'uso. Devono darci una mano: stiamo aspettando ancora che decolli». Accanto alle panelle o allo sfincione, all'interno del Muricello anche le specialità filippine: fagottini ripieni di tonno, patate e cipolla, altri di carne di vitello. Quel mercato sito nel cuore di un quartiere multietnico è una straordinaria opportunità per ricchezza e varietà. Un'opportunità ancora inesplosa che grida aiuto: «Siamo qui da un anno e mezzo. Di mattina c'è più gente ma nel resto della giornata resta vuoto ed è un peccato», racconta anche Roshan, che gestisce il chiosco all'interno del mercato assieme alla moglie Jenipa. Quando andiamo, sono loro, originari delle Filippine, in Italia da 13 anni, ad avere gli unici clienti all'interno, mentre Diliberto li raccoglie fuori, dove però restano.

Qualche passo più in là un italiano, Agostino De Caro, entra all'Asian Choice per mangiare delle frittelle che «sono come dei Falafel ante litteram, si chiamano wade» spiega De Caro in perfetto Srilankese. Ed è in questo Asian Choice – una sorta di rosticceria – che alcuni avventori ci tengono a raccontare la storia della chiesa di Sant'Elia: «Era nell'abbandono, noi abbiamo fatto tutti i lavori, e ora ci autotassiamo per mantenere le spese». È lì che vanno per pregare una religione che è esattamente la nostra: «Sono cattolica io», dice la proprietaria dell'Asian Choice. Ogni domenica, proprio alle spalle della Santa Maria Alemanna, celebrano messe, battesimi, comunioni, prendendosene cura, spiegano loro.

Praticano la religione cattolica e lamentano come tutti: «C'è troppa immondizia per strada».

Due passi più in là dell'Asian choice l'alternanza si ferma ai piedi dell'Etna: «Ca' semu a Catania», dice Alberto Molonia. E ad annunciare su strada l'inserito etneo è già la riproduzione di un cavallo. Molonia, attenzione, è messinese (nipote del noto carrozziere), ma «tutta la carne che porto viene direttamente da Catania». Dove, si sa, ne vanno matti. Ma pare piaccia pure sullo Stretto: «Siamo in tre in tutta la città: io qui, poi un punto al Santo e un altro a Provinciale», racconta Molonia. E continua: «Lavoricchio, non mi lamento, ma si potrebbe fare di più, la carne di cavallo è la più tenera».

Panelle, sfincioni, fagottini di tonno filippini, wade, malu rolls, carne di cavallo. Ma non manca la classica selezione di pesce dello Stretto: «Abbiamo una sacco di clientela non italiana», racconta Natale Tomasello. «Vengono soprattutto per i tonnetti, lo sgombro, il palamido».

Perché sono cento metri di varietà culinaria dove lo street food asiatico si mischia a quello siciliano, dove i siciliani comprano wade e gli asiatici lo sgombro. Ma si può far da sé anche col cibo orientale. L'asian market, appena svoltato l'angolo, direttamente sul viale Giostra, vende alimenti asiatici, tipicità sri lankesi come il riso rosa, il riso rosso o quello senza amido. Alla cassa c'è Solani, 27 anni, a Messina da dieci anni, dove ha raggiunto il padre e dove è nato il fratello: «Mi piace stare qui. La città è bella, vorrei solo ci fossero più spazi verdi».

Solani accoglie all'ingresso dell'Asian market con perfetto accento italiano e la bellezza tipica del sud-est del mondo. Ad entrare molti italiani per acquistare prodotti altrimenti difficili da reperire.

Una varietà che permette anche di cimentarsi in cucina e provare le ricette dell'altra parte del mondo. Magari chiedendo consiglio in via Placida.

Fonte: <http://www.letteraemme.it/2017/02/19/integrazione-culinaria-via-placida-storia-un-quartiere-senza-confini/> - 19.02.2017

'AfricaBar', i migranti a teatro diventano attori: "Una soglia divide la quotidianità"

Al Teatro Argentina di Roma, dal prossimo 22 giugno, lo spettacolo di Riccardo Vannuccini in occasione della Giornata Mondiale del Rifugiato: trentadue attori, di cui ventisei profughi e richiedenti asilo provenienti da diversi paesi in guerra o governati da dittature

Anna Bandettini

È un momento di grande attenzione verso i migranti, i loro problemi, la loro cultura, anche a teatro: drammaturgie come quelle di Lina Prosa che ha dedicato una trilogia agli sbarchi in Sicilia, compagnie come il Teatro di Nascosto di Annette Henneman che da anni dà voce ai profughi dei paesi in guerra, progetti pluriennali come quello di Teatro in fuga realizzato da ArteStudio l'associazione culturale romana diretta da Riccardo Vannuccini che il prossimo 22 giugno (e fino al 24) presenta al Teatro Argentina di Roma, in occasione della Giornata Mondiale del Rifugiato, AfricaBar uno spettacolo di teatrodanza con trentadue attori, di cui ventisei profughi e richiedenti asilo provenienti da diversi paesi in guerra o governati da dittature.

L'AfricaBar del titolo, ironico e drammatico insieme, è il bar dove si beve the e si chiacchiera, ma è anche il luogo di confine, la soglia dove si consuma l'ultimo saluto prima di partire e 'giocare ai dadi la propria vita'. «Per affrontare il tema delle migrazioni forzate, ci siamo immaginati un posto dove si sta poco prima di salire sul gommone che porta in un altrove, una soglia che divide la vita quotidiana, con i fornelli, i cibi, la tenda, le medicine da una esistenza che è solo immaginata», racconta Vannuccini, regista, autore, attore, esperienze che si sono incrociate in passato con il teatro di Carmelo Bene e Leo De Berardinis, Luca Ronconi, Peter Stein, «poi 20 anni fa ho proseguito a fare teatro ma in luoghi non teatrali, carcere e centri di accoglienza e più di recente in zone di guerra, come Shatila o Iraq

dove andremo il prossimo settembre. AfricaBar fa parte di un progetto triennale con i rifugiati e richiedenti asilo che abbiamo contattato in vari centri di accoglienza”.

Lo spettacolo, che chiude la “ Trilogia del deserto” dopo Sabbia e Respiro, è l'esito di un laboratorio partito lo scorso settembre, dove gli attori hanno lavorato con i profughi a partire dalle loro storie per sviluppare poi un percorso teatrale che però non ha nulla del racconto autobiografico: più che un teatro cronaca, AfricaBar ha lo stile del teatrodanza di Pina Bausch, e mescola tradizioni, usi, religioni, razze, e frammenti di testi di T.H. Eliot, Vidiadhar Naipaul, Danilo Kis, Shakespeare, Ingeborg Bachmann, Zbigniew Herbert, Clarice Lispector, per parlare soprattutto di uomini.

“Non facciamo cronaca, non raccontiamo i problemi del viaggio, o cosa vuol dire vivere da profughi. Proviamo invece a ridare al teatro la sua funzione primaria: di essere, cioè, strumento di conoscenza e di comprensione degli accadimenti contemporanei – spiega Vannuccini – perché ciò che unisce noi e i rifugiati, al di là dei problemi, è l'essere umano. Il teatro è una medicina dell'anima di cui ora più che mai c'è bisogno per

capire quale direzione sta prendendo l'umanità, dove ci sono coloro che scappano, ma anche noi che accogliamo e che abbiamo responsabilità enormi in quello che accade nei paesi devastati dalla guerra. Il teatro, forse perché è il luogo della finzione, ci fa comprendere quello che accade in modo più libero di quello che può fare la religione o la politica”.

I protagonisti in scena sono i rifugiati Lamin Njie, Yaya Jallow, Yeli Camara, Lucky Emmanuel, Joseph Eyube, Cedric Musau Kasongo, Alhassane Abdoul Aziz, Christian Ela, Mohamed Harmouche, Seny Sysauane, Kouadio Alfred Koffi, Benoit Kevin Siewe, Bangali Dunbia, Ali Diallo, Ella Sunday, Adnan Ali, Faith Okunbor, Joy Maso, Edith Fostes, Kanoe Banou, Bonyagni Elhanji Manoumou, Happy Enohense, Emilie Flore Meniaga, Xubi Jusuf, Sahra Cali, Massa Dabo, Yaya Soumhoru, Idrissa Yaro, Kolimbassa Ousmane, Laura Antonini e gli attori Eva Grieco, Lars Rohm, Alba Bartoli, Maria Sandrelli, Anna Carlier, Riccardo Vannuccini, Caterina Galloni.

Fonte <http://www.repubblica.it/spettacoli/teatrodanza/2017/05/13/news/africabar-165334271/> - 13.05.2017

Teatro. Migranti, il palco dopo il mare

Il Teatro dell'Orsa porta sulle scene di tutta Italia un gruppo di giovani rifugiati e richiedenti asilo. Uno spettacolo potente sul partire e sull'ospitalità, frutto di un percorso di integrazione.

Michele Sciancalepore

Il Teatro dell'Orsa porta sulle scene di tutta Italia un gruppo di giovani rifugiati e richiedenti asilo. Uno spettacolo potente sul partire e sull'ospitalità, frutto di un percorso di integrazione.

Già nel 2004 al Globe Theatre di Roma s'era visto uno spettacolo terminare con i ragazzi neri, gli ex “chokora”, “spazzatura di strada” come venivano appellati a Nairobi in Kenya, urlare il proprio nome brandendo con fierezza il passaporto. Era il Pinocchio Nero di Marco Baliani. A distanza di tredici anni al Teatro Cardinal Massaia di Torino, dove frate Marco Costa ospita una rassegna dal titolo eloquente e programmatico, “CatArtlco” (acronimo di catarsi, arte, icona), un altro spettacolo presenta nel finale altri cinque ragazzi provenienti dall'africa subsahariana che stavolta con tono più dolce e scanzonato ma non meno consapevole affermano e spiegano il loro nome mostrando un distintivo a forma di cuore. Ezekiel, Ousmane, Djibril, Lamin e Ogochukwu, così si chiamano e Questo è il mio nome è il titolo della pièce che da molti mesi sta spargendo emozioni e riflessioni e raccogliendo premi e ovazioni.

Reazioni entusiaste che si ripeteranno la prossima estate al festival Solstizio d'estate di Mezzocorona.

Gli artefici di questa missione teatrale sono Monica Morini e Bernardino Bonzani del Teatro dell'Orsa che da qualche anno hanno visto sconvolti i loro piani artistici, esaltate le loro sensibilità umane e ribaltate le necessità: «Adesso le nostre priorità sono altre – ammette Monica Morini – essere entrati nelle loro ferite, aver visto nei loro occhi il terrore panico di viaggi nel deserto senza acqua, botte ricevute nelle carceri libiche e persino dai bambini nelle strade, traversate in mare in un groviglio di piante, urla e corpi senza vita ci ha destabilizzato e aperto altre prospettive sicuramente più potenti e vitali». Monica si riferisce ovviamente ai migranti arrivati nel nostro paese, quindi richiedenti asilo e rifugiati. Marco Baliani agli inizi del 2000 aveva portato lui il teatro a Nairobi per riscattare dalla strada, dagli slums e dall'alienazione i ragazzini africani; Monica e Bernardino invece, grazie al “Progetto Sprar” di Reggio Emilia e alla

mediazione culturale della cooperativa “Dimora d’Abramo”, se li sono trovati praticamente sotto casa, li hanno accolti e hanno iniziato con il loro laboratorio uno straordinario percorso artistico e umano che ha portato questi giovani dai 18 ai 27 anni del Senegal, Costa d’Avorio, Mali, Nigeria e Gambia a rinascere, ritrovare fiducia, a imparare la nostra lingua, a sviluppare relazioni, a rispettare le regole, a trovare lavoro, a integrarsi perfettamente grazie all’arte più effimera e aleatoria, ma evidentemente anche la più umanamente potente e contagiosa: il teatro.

“Papà e mamma leone”, così i loro ragazzi neri li chiamano a testimonianza di un legame affettivo forte ma anche dell’autorevolezza di Monica e Bernardino che alzano la loro criniera quando c’è da far capire che il lavoro teatrale richiede serietà, sacrificio e spirito di squadra. Tutte qualità che non sono mancate ai giovani africani che dal punto di vista della predisposizione interpretativa stanno, come svela Bernardino Bonzani, praterie in avanti rispetto a molti nostri professionisti del palcoscenico: «hanno una potenza, una vitalità, una resistenza impressionante coniugata a immediatezza e presenza di spirito nel “qui e ora”, in pratica sono semplicemente veri!». E si vede e si sente la loro autenticità durante i sessanta minuti dello spettacolo che offre un percorso denso, intenso, in cui si intrecciano memorie, canti, coreografie, storie dei loro paesi d’origine con situazioni della realtà nostrana contemporanea. Tutto comunicato solo attraverso corpo e parola armonicamente fusi in una pulizia e precisione espressiva che rende superfluo ogni orpello scenografico. Un teatro povero e necessario che farebbe invidia a Grotowski e che, come piacerebbe al maestro polacco, “abbatte le frontiere fra me e te”.

Numerose le immagini che restano, dall’evocazione dell’estenuante e stremante corsa nel deserto alla raffigurazione di una attuale “Pietà” accompagnata dai versi ormai classici della preghiera laica di Erri De Luca Mare nostro,

da una vestizione ieratica che prefigura una futura ma non lontana totale integrazione alle gioiose esternazioni finali in cui l’urgenza di non essere reinghiottiti dall’anonimato e dall’invisibilità si fa impellente: «Io ti vedo. Tu mi vedi?». Ma il pregio maggiore di questa operazione risiede in due parole: verità ed evocazione. La prima traspare ad esempio dal volto di Ezekiel che fuori dalla scena condivide con noi il dolore del passato e la gioia del presente: dal ricordo della scelta drammatica della madre che in Libia non potendo pagare per entrambi decide di staccarsi e di affidarlo alle onde del mare come un novello Mosè, alla realtà odierna fatta di polvere da palcoscenico e di riparazione di gomme e pneumatici.

Ma è uno spettacolo che fa volare anche la mente, dall’invito del Signore ad Abramo nella Genesi ad andare via dalla sua terra alla canzone popolare Mamma mia dammi cento lire, dall’accoglienza di Ulisse da parte dei Feaci nell’Odissea alla “Carta Manden”, la prima dichiarazione dei diritti dell’uomo nata in Mali alla fine del 1222 in cui si dichiara che «Ogni vita è una vita. Ogni vita vale». E messaggi inequivocabili vengono lanciati dal palco: l’ospitalità è la legge più antica del mondo, lo straniero è sacro e non deve più essere sinonimo di massacro, le parole evangeliche «Ero forestiero e mi avete ospitato» non possono più essere puntualmente tradite, l’integrazione è possibile, la convivenza l’unica strategia praticabile. Utopia? Illusione? Retorica? No, è realtà secondo Monica Morini: «Vedere mio figlio di 17 anni che racconta a Ezekiel la Saga degli Atridi e da lui ascolta la tradizione orale africana è una risposta concreta e una prova tangibile della ricchezza delle diversità». La speranza dunque è di non dover arrivare a vivere il rammarico con cui il poeta greco Kostantinos Kavafis chiudeva la sua poesia *Aspettando i barbari*: «E ora senza barbari cosa sarà di noi? Era una soluzione quella gente».

Fonte: <https://www.avvenire.it/agora/pagine/migrant-bcaf4c669026470498c53088bb7752fc> - 14.03.2017

Feste e Intercultura. Con un Pizzico di Speranza

Nel mese più “festoso”, una riflessione sulle feste e sui modi differenti di far festa con un’attenzione alle feste “degli altri”. E un dono prezioso: la speranza, regalata da Gianni Rodari, che dà il senso ai giorni di festa.

Inauguriamo il viaggio dicembrino di Sesamo con il tema della festa e con una filastrocca di Gianni Rodari dedicata alla speranza. Una filastrocca folgorante e densa nel messaggio, coinvolgente e giocosa nel ritmo, come Rodari sa fare da maestro qual è.

Perché parlare di feste e di intercultura a partire dal dono della speranza? Perché la speranza è strettamente legata al fare festa e in questo tempo incerto c’è grande bisogno di guardare verso l’orizzonte. La speranza invita a portare lo

sguardo più avanti; dilata la dimensione del tempo fino a comprendere il possibile e l'attesa. La speranza implica la fiducia e il legame con gli altri e, proprio come la festa, può rinsaldare i fili nella comunità e nel gruppo. La speranza significa apertura e curiosità e lascia spazio alla sorpresa e allo stupore che sono "il sale" della festa. Di tutte le feste.

E, con speranza e curiosità, proviamo ad allargare il nostro sguardo evocando il tema della ricorrenza dei giorni festivi che accomuna gli adulti e i bambini di qui e d'altrove.

La festa scandisce il tempo

Da sempre gli uomini e i gruppi sociali sentono il bisogno di interrompere lo scorrere del tempo e la quotidianità degli eventi con momenti di festa e di celebrazione, di condivisione e rito collettivo.

La festa è, al tempo stesso, un'occasione di discontinuità nel flusso dei giorni, che segna un prima e un dopo, ed è un elemento di continuità e riconoscimento, poiché rinsalda i legami e colora il tempo di regolarità e ricorrenze. Celebrare, ricordare, preparare le feste: sono atti e momenti che segnano le storie individuali e collettive come una punteggiatura riconoscibile e attesa che scandisce il racconto e le biografie di ciascuno. Ognuno di noi ha una riserva preziosa e densa di memorie e di ricordi collegati alle feste che ha vissuto e uno spazio interiore dove custodisce le attese e i desideri legati alle feste che verranno.

Si fa festa per ringraziare, per accogliere e propiziare i passaggi, le scelte e i cambiamenti; si fa festa per ritrovare riti e gesti, per vivificare simboli e significati. Le feste possono essere espressione individuale o evento collettivo di ringraziamento per quanto si è ricevuto – pensiamo agli antichi riti per la mietitura e per il raccolto - o espressione di attese e voti, di preghiera e speranza per quanto deve ancora succedere - pensiamo ai riti collegati alla nascita o all'inizio del nuovo anno.

In una mappa concettuale essenziale della festa possiamo evidenziare i due significati di festivo e di festoso che rappresentano le due facce della stessa medaglia. Festeggiare significa infatti, da un lato, evocare e celebrare la dimensione ontologica del sacro e dei valori di riferimento (festivo), Dall'altro lato, significa introdurre nella quotidianità gli aspetti ludici del gioco, del divertimento, della vacanza (festoso).

Festoso e festivo: due significati

Può succedere che, con il tempo e con il prevalere della dimensione "festosa" su quella "festiva", che il significato della festa resti un po'

sullo sfondo e sbiadisca fino a diventare via via più opaco. Si continua così ad agire pratiche e abitudini sulle quali non ci si interroga più e che rischiano di diventare povere, o addirittura prive, di senso. Restano i segni, i gesti, gli oggetti ma si rischia di smarrire per strada il significato, il perché, l'aggancio profondo con le origini e l'interiorità delle celebrazioni.

La festa e i modi di far festa sono temi privilegiati per una didattica interculturale che si propone di favorire lo scambio, la narrazione e l'incontro tra storie d'infanzia differenti. Si può infatti prestare attenzione ai racconti che riguardano gli aspetti riferiti alla cultura materiale (il cibo, gli addobbi, i vestiti, gli oggetti...) sia riferiti alla cultura "alta": i riti, i significati, i simboli, la scrittura..)

Ogni bambino ha un proprio patrimonio di date, eventi, occasioni di festa che rimandano a tappe importanti della vita, ad appartenenze familiari e comunitarie, ai legami con il passato e alla scansione temporale del presente.

Ci sono infatti feste per occasioni diverse. La tipologia degli eventi distingue tra feste a carattere religioso, che definiscono il calendario delle celebrazioni legate alla fede, rinsaldano i legami comunitari, vivificano le credenze e feste civili e nazionali, che ricordano gli eventi fondanti della storia di un popolo e di un luogo, celebrano i valori comuni e condivisi. E ci sono infine le feste personali e familiari che hanno a che fare con le tappe della vita, con i legami affettivi e i passaggi biografici.

Fare festa vuol dire stare insieme, condividere e sentirsi parte di un gruppo: familiare, comunitario, nazionale. Come una goccia d'acqua che riflette il mondo, la festa ripropone il prisma della vita e dei suoi significati, racconta il posto di ciascuno nella geografia familiare e conferma l'importanza della comunità e dell'appartenenza.

Il senso della festa nella migrazione

Far festa nella migrazione significa ritrovare i legami e il senso di appartenenza, ma anche vivere e avvertire più intensamente la frattura e il distacco dal proprio Paese e dal gruppo familiare. Il fatto che le proprie feste non siano conosciute è un po' come non essere riconosciuti quanto alla propria storia.

Per i bambini figli di immigrati, il tempo della festa – propria o della famiglia/gruppo di appartenenza – è anche l'occasione per farsi domande e cercare risposta sui significati di gesti e riti che gli altri non seguono. Perché per me oggi è festa e per i miei compagni è un giorno qualunque? O invece: perché oggi tutti i miei compagni fanno festa e noi invece no? Sono domande "a specchio" che i

bambini autoctoni si possono porre, spinti dalla curiosità per le feste degli altri. Vi è quindi il rischio per i bambini figli di immigrati di una doppia estraneità: per le feste del Paese che accoglie, quando la famiglia non le celebra e riconosce e per le feste del proprio gruppo di appartenenza, quando nessuno al di fuori della casa le conosce e riconosce. A questo proposito, Nassera Chora nel suo libro autobiografico “Volevo diventare bianca”, scrive:

“Come capita a tutti gli scolari del mondo, il primo tema al rientro dalle vacanze di Natale, fu: Come ho passato le feste. Io ero disperata, non sapevo che cosa scrivere e scrissi che il giorno di Natale avevo avuto la febbre alta e mia madre era rimata tutto il tempo accanto a me”.

La festa è fatta di...

Gli elementi salienti delle feste – di tutte le feste – sono molteplici e possono essere esplorati, condivisi e confrontati con i bambini e i ragazzi, rilevando anche i cambiamenti avvenuti nel corso del tempo. Essi sono:

-il significato della festa che ne definisce la tipologia e può avere carattere religioso, civile, sociale o culturale, personale o familiare;

-il tempo, che ha a che fare con le date (mobili o fisse) e l'origine della ricorrenza; con i calendari differenti e la misurazione del tempo;

-il luogo/scenario della festa, che può avere una dimensione pubblica o privata e può essere collocato negli spazi interni, della casa o esterni; spazio che può essere preparato per essere riconoscibile e addobbato;

- i riti della festa, che comprendono i gesti, le formule ricorrenti, i protagonisti e i ruoli che ciascuno occupa nella celebrazione;

-le narrazioni legate alle feste: le parole e gli auguri; i canti e le leggende; i racconti e le memorie di ciascuno;

-gli oggetti della festa, che evocano immediatamente il clima e il significato: i segni, i doni, l'abbigliamento...;

-il cibo della festa, che fa parte della tradizione collettiva locale o di usanze familiari tramandate da una generazione all'altra.

Per sapere e per agire

Feste a scuola in altri Paesi europei

Nel numero 4-5 di *La Vita Scolastica* leggi “Tempo di festa” di Graziella Favaro e scopri che cosa succede nelle scuole di altri Paesi e quali scelte vengono fatte – in Francia e in Gran Bretagna, ad esempio - per una convivenza nella pluralità.

Calendari multiculturali

Da qualche anno sono diffusi anche in Italia i calendari multiculturali che ricordano le date delle feste principali, a carattere religioso e non solo, di alcune comunità straniere che vivono accanto a noi. E' un invito a fare gli auguri in quei giorni ai bambini e alle famiglie immigrate e a chi è di religione ebraica, islamica, buddhista... E' anche l'occasione per scoprire che ci sono calendari e sistemi diversi di calcolo del tempo: il calendario solare e quello lunare, per conoscere gli eventi a carattere religioso di fondazione delle fedi che segnano l'inizio delle differenti ere.

L'Orologiaio matto. Calendario 2017. Alberi: tra terra e cielo

In una recente segnalazione, abbiamo presentato il calendario multiculturale 2017 edito da Sinno: Rose e fiori. Un altro “storico” calendario multiculturale, giunto alla sua 22° edizione, è *L'orologiaio matto*, realizzato dall'associazione Spazio Solidale. L'edizione 2017 è dedicata agli alberi. Alberi come elemento chiave di un cammino per la costruzione di una nuova pace tra l'uomo e la natura.

All'edizione del calendario hanno collaborato Alessandra Ferrario e Claudia Brusaferrò che sul tema degli Alberi di pace ci avevano proposto un percorso didattico.

Il pacchetto rosso: ecco un libro per parlare dell'importanza del dono

E' Natale: un misterioso pacchetto rosso gira di mano in mano e produce effetti sorprendenti, sia in chi lo dona, sia in chi lo riceve. Il libro “Il pacchetto rosso” di Linda Wolfsgruber, pubblicato in Italia da Arka qualche tempo fa, racconta, in maniera semplice ed efficace, il valore e la forza dei gesti gentili, del dono gratuito che diventa legame e promessa di amicizia.

Fonte: <http://www.giuntiscuola.it/sesamo/a-tu-per-tu-con-l-esperto/bussole/feste-e-intercultura-con-un-pizzico-di-speranza/>

Títulos da Resenha Migrações na Atualidade

1. BRASIGUAIOS
2. EMIGRAR - Opção ou necessidade
3. OS EXPULSOS DA TERRA
4. MIGRAÇÕES E TRABALHO
5. LEIS E MIGRAÇÃO
6. MIGRAÇÕES NORDESTINAS
7. JOVENS MIGRANTES
8. MIGRAÇÕES INTERNAS: Aspectos vários
9. DESEMPREGO
10. VÍTIMAS DO RACISMO
11. MORADIA: Direito de todos
12. FAVELAS: Migração da dignidade humana
13. FOME E MISÉRIA
14. LATINO - AMERICANOS EM MIGRAÇÃO
15. A FAMÍLIA
16. TRABALHO ESCRAVO
17. SOS: Pequenos sem lar
18. REFUGIADOS
19. EXCLUÍDOS - Um clamor à justiça e a solidariedade
20. MULHER MIGRANTE - Solidariedade e acolhida
21. SEM – TERRAS
22. DIREITOS HUMANOS - Violação e defesa
23. TERRA E MIGRAÇÃO
24. MIGRANTES EM SITUAÇÃO IRREGULAR
25. CRIANÇAS, ADOLESCENTES E TRABALHO
26. CF /97 E AS MIGRAÇÕES
27. MIGRANTES E AS RELAÇÕES DE TRABALHO
28. VIOLÊNCIA CONTRA MIGRANTES.
29. PELA DIGNIDADE DO MIGRANTE
30. DESEMPREGO EM ALTA
31. EDUCAR É PRECISO
32. SECA AUMENTA O VAIVÉM DE MIGRANTES
33. ANISTIA A ESTRANGEIROS EM SITUAÇÃO ILEGAL
34. SEM TRABALHO... por quê?
35. DESAFIOS DA MIGRAÇÃO frente ao novo milênio
36. O MIGRANTE É VÍTIMA!
37. REFUGIADOS: desafio à solidariedade
38. DIGNIDADE HUMANA E PAZ - CF/2000
39. XENOFOBIA
40. TRÁFICO HUMANO - a escravidão moderna
41. CRIANÇAS E ADOLESCENTES na armadilha da globalização
42. DROGAS, uma ameaça à VIDA.
43. MULHERES: Protagonistas ou excluídas?
44. MIGRANTES e Conflitos armados
45. RETRATO SOCIAL dos MIGRANTES.
46. POVOS INDÍGENAS, resgate de uma civilização.
47. ALIMENTAÇÃO é um direito humano. Por que tanta fome?
48. IMIGRANTE: rejeitado, mas indispensável!
49. ÁGUA: fonte de segurança alimentar.
50. PESSOAS IDOSAS: dignidade e esperança.
51. A MERCANTILIZAÇÃO DO SER HUMANO
52. EMIGRAÇÃO: As lutas de brasileiros e brasileiras no exterior.
53. DISCRIMINAÇÕES: o ser humano ferido.
54. MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS: rumos e desafios.
55. MIGRAÇÕES: culturas e integração.
56. REFUGIADOS: novos desafios na conjuntura atual.
57. TRÁFICO DE SERES HUMANOS: negação da dignidade.
58. MIGRAÇÕES: leis insuficientes e políticas migratórias discriminatórias.
59. MIGRAÇÕES E DESENVOLVIMENTO.
60. XENOFOBIA: o migrante como ameaça. Por quê?
61. RELIGIÕES: força e fragilidade dos migrantes
62. MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS: novos fluxos e políticas seletivas
63. POBREZA produz migração. Migração contrasta a pobreza?
64. CAMINHOS E DESCAMINHOS DA INTEGRAÇÃO
65. POVOS EM FUGA: os/as deslocados/as
66. CRIMINALIZAÇÃO DOS MIGRANTES E VIOLÊNCIA NO CONTEXTO MIGRATÓRIO: desafios
67. MIGRAÇÕES E TRABALHO: valorizar a contribuição e erradicar a exploração
68. MIGRAÇÕES E CULTURA: como superar a discriminação?
69. MIGRAÇÕES E REFÚGIO: a ambigüidade das estratégias de proteção
70. LEIS E POLÍTICAS MIGRATÓRIAS: direito a ter direitos
71. MIGRAÇÕES E DESENVOLVIMENTO: qual o papel das remessas?
72. O PAPEL PROFÉTICO DAS RELIGIÕES junto aos migrantes
73. TRÁFICO DE PESSOAS: quais são as estratégias de combate?
74. CIDADE: lugar de encontro ou exclusão?
75. SER MIGRANTE EM TEMPOS DE CRISE
76. ENTRE ASSIMILAÇÃO e INTEGRAÇÃO
77. MUDANÇAS CLIMÁTICAS e REFUGIADOS AMBIENTAIS
78. AS MIGRAÇÕES GERAM VIOLÊNCIA OU REAÇÕES VIOLENTAS?
79. TRABALHADORES MIGRANTES: indispensáveis, mas sem direitos
80. XENOFOBIA: a nova face da exclusão
81. MULHERES REFUGIADAS
82. RELIGIÃO: fator de integração dos migrantes?
83. Os rumos do TRÁFICO DE SERES HUMANOS
84. MIGRAÇÃO DE RETORNO e crise: sonho frustrado?
85. Os desafios da MIGRAÇÃO FEMININA
86. As RELIGIÕES diante dos desafios das MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS
87. TRÁFICO DE PESSOAS: é possível combater?
88. Novos FLUXOS MIGRATÓRIOS: uma nova questão social
89. MULHERES MIGRANTES: protagonismo e vulnerabilidades
90. A RELIGIÃO como meio de assistência, integração e emancipação dos migrantes.
91. TRÁFICO DE PESSOAS: entre o discurso e a realidade.
92. A “Globalização da indiferença” e a CRIMINALIZAÇÃO DAS MIGRAÇÕES
93. As MULHERES no contexto das políticas migratórias
94. As RELIGIÕES a serviço da dignidade dos migrantes
95. TRÁFICO DE PESSOAS: O ser humano está à venda?
96. Por uma compreensão mais ampla das MIGRAÇÕES FORÇADAS
97. MULHERES MIGRANTES: entre fronteiras físicas e sociais.
98. Migrações, RELIGIÕES e violência
99. TRÁFICO DE PESSOAS e políticas migratórias
100. MÍDIA e migrações: entre discursos e estereótipos
101. Dignidade humana e MULHERES MIGRANTES
102. A DIÁSPORA MUÇULMANA para além dos estereótipos
103. Os paradoxos da ESCRAVIDÃO MODERNA
104. Mobilidade humana: entre FRONTEIRAS e muros
105. Por um olhar mais humano sobre as MULHERES MIGRANTES
106. MULHERES MIGRANTES E REFUGIADAS: riscos e proteção no contexto da violência de gênero
107. Criminalização das migrações e TRÁFICO DE PESSOAS: um ciclo vicioso
108. O compromisso das RELIGIÕES junto aos migrantes
109. O poder da CULTURA: migrações como oportunidade INTERCULTURAL